



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 04-2012 – Especial - 2012

Editorial

Construção da colcha de retalhos CMFL

No dia 7 de dezembro de 2011, foi redigida e remetida aos companheiros, dentro da campanha de regularização da Comissão Mineira de Folclore, a seguinte mensagem:

“Você está recebendo uma toalha de natal.

Recorte a parte que quer costurar. A fração recortada deverá ser remetida a outro colega e a parte não recortada, após reconstituída, fará parte de seu acervo.

Adquira outro tecido de seu gosto e remeta-o a outro colega folclorista, juntamente com a fração recortada da toalha que recebeu.

O colega contemplado deverá, por sua vez, recortar uma fração do novo tecido e costurá-la à que recebeu e remeter a colcha iniciada a outro colega.

Em síntese: cada um adquire um tecido de seu gosto e o remete completo a outro colega. Por outro lado, cada colega recebe um pedaço de tecido que fazia parte de um todo e o adiciona à colcha em confecção.

No final, no dia 19 de fevereiro, adicionaremos ao acervo da Comissão Mineira de Folclore o fruto de nossa criação coletiva.

A parte de cada um estará no todo.

Informe, à coordenação nome e endereço de quem foi o próximo destinatário.”

Nesta data, a primeira peça de tecido foi remetida ao nosso companheiro, Domingos Diniz. Aconteceram, então, dois acréscimos à proposta inicial.

Domingos adquiriu uma nova peça de tecido, recortou e costurou o retalho do que lhe foi remetido e notificou:

“Colcha de Retalhos de Textos

A Comissão Mineira de Folclore passou longo período em sono profundo.

Agora, por iniciativa do folclorista José Moreira e outros folcloristas ela foi acordada. Espreguiça-se. Emite sons ao abrir a boca. Quer erguer-se com a colaboração de todos seus membros efetivos.

E para dar uma sacudidela em todos nós folcloristas, Moreira e Adélia propõem fazermos uma colcha de retalhos. Cada um de nós adicionará um pedaço de pano à colcha.

Não sei qual o motivo a coisa começa em mim e por mim.

Aproveito e sugiro fazermos, concomitantemente, outra colcha de retalhos em forma de textos sobre qualquer fato folclórico.

Pelo sono que passou a CMFL e dele estar ela saindo, vejo aqui similitude com o núcleo dramático do Bumba-Meu-Boi. O boi morre e, por ação do pajé ou do veterinário, ressuscita.

Acorda. Ganha forças, levanta, corre e dança.

Em seguida, há o “repartir o boi”. As partes do bovino são distribuídas entre os presentes com muita brincadeira.

Então vamos repartir o boi, pessoal?!

Faremos outra colcha de retalhos em forma de textos.

Cada um ao adicionar o retalho à colcha proposta pelo Moreira, fará o texto sobre qualquer fato folclórico e o colocará na pasta anexa.

Coisa pequena. No máximo duas laudas no espaço dois. Domingos Diniz, Belo Horizonte, dezembro de 2011”

De fato, essa já era a quarta modificação à ideia original. A colcha de retalhos como ideia primordial se originou em um cartão de natal remetido de São Paulo – Cotia – por José Justo da Silva para saudar os amigos. Imediatamente, Adélia, viu que a criação era apropriada ao momento vivido pela Comissão Mineira de Folclore. O cartão foi copiado e remetido a todos os membros. Em seguida, o tecido foi encaminhado a Domingos Diniz. A colcha se transformou em motivo e nosso companheiro Luiz Trópia sugeriu que outra colcha, desta vez uma pintura da artista plástica Marina Jardim, se transformasse em mensagem pictórica agregada à ideia da colcha materializada pela colaboração de cada um de nós. A confecção da colcha materializou, também, nosso ritmo de trabalho. No dia 19 de fevereiro, ainda não havia chegado à maioria dos membros. Em mensagem encaminhada na programação desta semana, Lembrou-se:

*“Serão exibidas duas colchas nesta noite. A primeira concretiza o trabalho artesanal de todos os folcloristas e exhibe suas preferências. Está em confecção desde o início de dezembro e tem percorrido diferentes cidades do Estado de Minas Gerais. A colcha como bem material sintetiza esta afirmação de Maurice Godelier em **O enigma do dom** (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001)*

Não há sociedade, não há identidade que atravesse o tempo e sirva de base tanto para os indivíduos quanto para os grupos que compõem uma sociedade se não existirem pontos fixos, realidades subtraídas às trocas de dons ou às trocas mercantis.

*Segundo esse autor, importa conhecer a fundação das relações sociais não pelo que se dá ou se troca, mas naquilo que deve **ser conservado**. Portanto, nossa **colcha de retalhos** somente nos poderá ser tirada por roubo ou saque. É o mesmo mito da Acaiaca relatado por Joaquim Felício dos Santos.*

*A outra colcha é a que será distribuída. São os textos de cada um dos folcloristas escritos enquanto confeccionavam o que deveria ser conservado. **O Carranca Especial** é o dom de todos nós brotado do que deve ser conservado:*

A que se exhibe solenemente no dia 31 de agosto, na cerimônia de encerramento da 46ª Semana Mineira de Folclore incorpora este percurso.”

“Cada um está no todo, sem perder nenhuma parte de si mesmo.”

Ela se incorpora ao patrimônio da Comissão Mineira de Folclore e demarca a caminhada de oito meses. Saudemos!

AGENDA

Relatório da 46ª Semana Mineira de Folclore

➤ **Seminário Cultura Popular e Desenvolvimento Sustentável**

Dias: 21 e 22 de agosto – SESC Tupinambás – auditório - 16º andar

Objetivo: Examinar como o saber popular contribui para a sustentabilidade ou insustentabilidade do morar urbano e rural.

➤ **Dia 21: Abertura Oficial da 46ª Semana Mineira de Folclore**

- ❖ José Moreira de Souza - sociólogo, membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore:

“A mobilidade insustentável na Metrópole Belo Horizontina e as condições de morar.”

- ❖ Marileide Lázara Cassoli (Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto - área de concentração em Estado, Sociedade e Região. Doutoranda em História Social da Cultura pela UFMG. Bolsista CAPES).

- ❖ Ricardo M. Figueiredo Filho. (Mestre em História Cultural pela Universidade de Letras do Porto – Portugal e Doutorando em Ciências e Culturas na História pela UFMG, com ênfase à História Ambiental. Bolsista CAPES).

- ❖ “Folclores e naturezas nos contextos da pós-modernidade: entre a canga e o congado.”

➤ **Dia 22: – SESC Tupinambás – auditório - 16º andar**

- ❖ Tião Rocha, membro efetivo da CMFL, Presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.

“A Cidade Sustentável na prática – o caso de Araçuaí e Raposos”.

- ❖ Ricardo Ribeiro - professor doutor do curso de Ciências Sociais - PUC Minas.

‘Certão-Serrado’: história, cultura e meio ambiente nos Gerais de Minas”

Exposição sintética da obra em dois volumes desse autor.

- ❖ Zanoni Eustáquio Roque Neves – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore – mestre em Antropologia UNICAMP.

O Rio de São Francisco e o desenvolvimento sustentável: Saberes em conflito.

- ❖ Posse dos novos membros efetivos da Comissão Mineira de Folclore:

Lúcia Tânia Augusto

Juliana Garcia Corrêa

- **23/08 – 19:30 horas - SESC Tupinambás – auditório - 16º andar Seminário em homenagem a Domingos Diniz** - oitenta anos - com lançamento do livro *A sombra do andarilho - o Folclore e suas charadas*, de José Moreira de Souza. Mesa coordenada por Antônio de Paiva Moura.

❖ **Quem é Domingos Diniz**

Domingos presidiu a Comissão Mineira de Folclore em três mandatos. Dedicou a ela todas as energias. Publicou em 2009 uma obra fundamental para o estudo da navegação do Rio São Francisco: *Rio São Francisco: Vapores e vapozeiros*. No momento prepara-se para editar *Rio abaixo, vaqueiros e lavadeiras de muque*.

A obra *A sombra do andarilho - o Folclore e suas charadas*, de José Moreira de Souza. Edição da Comissão Mineira de Folclore, 350 páginas, foi apresentada e lançada em homenagem a Domingos Diniz. Apresentação de Antônio de Paiva Moura. Moura presidiu a Comissão Mineira de Folclore, foi também diretor da Escola de Artes Guignard, e do Arquivo Público Mineiro. Possui inúmeras obras publicadas, dentre elas o *Dicionário de Bibliográfico de Minas Gerais*.

Entre outros objetivos, o lançamento visa a obter fundos para manutenção da Comissão Mineira de Folclore.

Debatedores:

Kátia Cupertino – membro efetivo da CMFL - professora da Escola de Belas Artes da UFMG.

Professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves – presidente da AFAGO. É criador e mantenedor do sítio WWW.afagouveia.org.br.

O autor

José Moreira de Souza é presidente da Comissão Mineira de Folclore, mestre em Sociologia pela UFMG. Sua dissertação de mestrado – *Cidade momentos e processos, Serro e Diamantina no século XIX*, recebeu prêmio de “melhor dissertação de mestrado” do ano de 1991, conferido pela ANPOCS – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais.

- **24/08 – 19:30 horas – SESC Tupinambás – auditório - 16º andar**

Apresentação de vídeos de Dêniston Diamantino

Documentário: Itabira, um retrato na parede e Cemitério do Peixe - de Lúcia Tânia.

Debates coordenados por Luiz Fernando Vieira Trópia.

AGENDA

Dêniston Diamantino é graduado em Geografia pela UFMG e produtor de vídeos de interesse para o estudo do Folclore em Minas. Sua obra é já reconhecida internacionalmente, tendo obtido vários prêmios. Um dos focos é o contraste entre a preservação e devastação ambiental .

Dêniston apresentou uma amostra de seus vídeos, com destaque para “Anunciação” que enfoca o saber presente na arte de partejar. Nela o Natal é celebrado com o nascimento de uma criança pobre no Sertão da Bahia. O autor acompanhou pacientemente, as parteiras, registrou seu saber e a prática de assistência à parturiente. Tudo isso permeado pela celebração do Natal pelas Folias de Santos Reis. É uma obra prima. “Carinhonha, um rio do Grande Sertão” é o último documentário desse autor. Nele, Dêniston insiste no tema básico do morador à margem dos rios, como fez com o São Francisco. O destaque para as intervenções humanas na preservação é tema recorrente em sua obra.

Lúcia Tânia é uma estudiosa do saber popular que utiliza recursos de documentação em vídeo. Os participantes poderão comparar o vídeo como recurso de comunicação como os que caracterizam a obra elaborada de Dêniston com o uso do vídeo como propósito de interlocução. A diferença principal é a seguinte. Dêniston resume, em 30 minutos, anos a fio de paciente documentação e convida o público a conhecer a realidade vivida pelo autor. Tânia grava em vídeo as entrevistas e as devolve imediatamente aos entrevistados como forma de interlocução. Tânia se dedica especialmente pelo lugar que fica na memória. Daí seu interesse pelos “não lugares”. Ao partir de Carlos Drummond de Andrade, Tânia percorre as Minas Gerais.

Luiz Fernando Vieira Trópia

É membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore, sociólogo pela UFMG e animador cultural.

Sua área de interesse se concentra na lúdica infantil e na música popular.

- **28/08 - 19:30 horas - SESC Tupinambás – auditório - 16º andar**

Seminário história local. Lançamento do livro *Gustavo da Silveira, Raízes*.

- ❖ Apresentação de Olísia Damasceno e Maria Helena Martins Ribeiro. Comentários de Heleno Célio Soares, Antônio Carlos Correa, Joviano Santos e José Moreira de Souza.

O Seminário história local apresenta-se como início de uma longa conversa. Com efeito, a Comissão Mineira de Folclore se propõe a desdobrar esse tema em inúmeras oportunidades, dada a sua relevância para uma política cultural mais bem fundamentada.

Inicia-se com o lançamento de uma obra singular: *Gustavo da Silveira, Raízes*.

Gustavo da Silveira foi uma estação da Estrada de Ferro Central do Brasil inaugurada no ano de 1905. O povoado cresceu e se tornou paradigma da agroindústria. Nele se instalou uma grande charqueada e um curtume de couro bovino. Em torno dessas atividades surgiram indústrias complementares, como fabricação de linguiça, salsichas e criação de frangos, além da horticultura. Em certo momento,

a atividade industrial regrediu e os programas de estrada de ferro entraram em recesso. Toda a população migrou para outros centros, mas ficou na memória um lugar que não existe mais. Ali resiste a igreja a qual é visitada uma vez por ano pelos antigos moradores e as ruínas do curtume e da charqueada.

❖ *Quitutes Mineiros – Gentileza das famílias de moradores em Gustavo da Silveira*

❖ Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

- **29/08 - 19:30 horas - SESC Tupinambás – auditório - 16º andar**

Seminário história local.

❖ **Apresentação do livro *Rio abaixo, vaqueiros e lavadeiras de muque*** de Domingos Diniz. Esta obra é resposta ao desafio do escritor e historiador, Antônio de Oliveira Melo, ao Domingos Diniz.

Melo, convocou Domingos a escrever uma obra que mostrasse sua competência. É o refinamento da simplicidade. Domingos é o folclorista mais povo dentre todos. Por isso é admirado. Ele é tão povo que parece ser personagem de ficção. Domingos é povo gênio. Leitor atento, é o homem do São Francisco, mas é, simultaneamente, homem do mundo.

❖ **Apresentação do livro *Camilinho, a origem e a escola*** de Raimundo Nonato de Miranda Chaves.

Camilinho chamou a atenção dos mineiros no certame “Paisagens Mineiras” promovido pelo jornal *Estado de Minas*. O morro do “Camelinho” foi uma foto premiada entre as finalistas do concurso. Inúmeras vezes esse morro se tornou símbolo para divulgação do Circuito dos Diamantes e da Estrada Real.

Raimundo Nonato é o autor de *Camilinho – notem: Camilinho e não Camelinho* – é descendente de uma ilustre família dessa paragem. Em sua obra, inédita, o auditório verá como uma realidade pode ser vista de um prisma diferente dos centros urbanos. Esta é a novidade. Enquanto, as histórias locais, regra geral, privilegiam as sedes municipais, Raimundo Nonato vê a Gouveia a partir de seu povoado. Cada família tem sua história, cada professora assume um lugar central.

❖ **Apresentação do livro *Os cadernos de Meu Pai e de Minha Mãe*** de Carlos Felipe de Melo Marques Horta.

Carlos Felipe é muito conhecido nos meios de comunicação. Animou as manhãs com o programa “Universidade Popular”, na antiga TV Itacolomy, nos anos 70, foi editor de pesquisa do Jornal Estado de Minas, professor do curso de Comunicação da PUC, entre inúmeros outros feitos de grande porte. É responsável pelo Minas ao Luar e pelo Seresta ao Pé da Serra. Foi também presidente da Comissão Mineira de Folclore, por duas vezes e é autor de uma obra das mais adotadas nos cursos de Folclore: “*O grande livro do Folclore*”.

- **30/08 – 20:00 horas - Espetáculo musical – “Música Folclórica do Jequitinhonha”, com**

AGENDA

Carlos Farias – psicólogo, cantador e compositor, criador do Coral Lavadeiras de Almenara e candidato a membro efetivo da CMFL

- ❖ Coordenação de Luiz Fernando Vieira Trópia e Tadeu Martins Soares
- ❖ Local: PizzabaR – Av. do Contorno, 1636 – Floresta

➤ **31/08** - 19:30 horas - **SESC Tupinambás – auditório - 16º andar**

Mesa redonda com os membros da Comissão

Mineira de Folclore - Lançamento do documentário “Mestre Saul: Sua Vida e sua Obra”, produção de Sílvia Villani, apoio cultural do BDMG, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

- ❖ Lançamento do **Boletim Carranca Especial** – A colcha de retalhos .

Será a noite em que os convidados poderão conhecer as atividades e temas de estudos dos membros da Comissão Mineira de Folclore.

- ❖ A sessão se abrirá com o lançamento do **documentário de Sílvia Villani sobre Saul Martins**. Saul, juntamente com Aires da Mata Machado filho, foi inspirador da Comissão Mineira de Folclore e membro fundador. Saul pregou o respeito ao povo por onde andou. Nos lugares mais inesperados. Não foi apenas um professor de Folclore escondido atrás da disciplina Antropologia IV no curso de Ciência Sociais da Faculdade de Filosofia da UFMG, nem do curso de Cinema ou de Turismo. Saul convocou os militares, seus comandados, a “amarem o povo” e respeitarem seu saber.

- ❖ **Colcha de Retalhos** como símbolo.

Serão exibidas duas colchas nesta noite. A primeira concretiza o trabalho artesanal de todos os folcloristas e exibe suas preferências. Está em confecção desde o início de dezembro e tem percorrido diferentes cidades do Estado de Minas Gerais. A colcha como bem material sintetiza esta afirmação de Maurice Godelier em *O enigma do dom* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001)

Não há sociedade, não há identidade que atravesse o tempo e sirva de base tanto para os indivíduos quanto para os grupos que compõem uma sociedade se não existirem pontos fixos, realidades subtraídas às trocas de dons ou às trocas mercantis.

Segundo esse autor, importa conhecer a fundação das relações sociais não pelo que se dá ou se troca, mas naquilo que deve **ser conservado**. Portanto, nossa **colcha de retalhos** somente nos poderá ser

tirada por roubo ou saque. É o mesmo mito da Acaiaca relatado por Joaquim Felício dos Santos. A outra colcha é a que será distribuída. São os textos de cada um dos folcloristas escritos enquanto confeccionavam o que deveria ser conservado. O **Carranca Especial** é o dom de todos nós brotado do que deve ser conservado: a pluralidade que nos mantém unidos como comunidade em defesa do saber popular.

➤ **Ofício Circular nº 162 /2012 Belo Horizonte, 7 de agosto de 2012.**

Assunto: Semana do Folclore

Senhor (a) Diretor (a),

Como é do conhecimento de V. S^a, em agosto, é comemorada a “Semana do Folclore”, sendo a data 22 de agosto sua culminância.

Folclore, do inglês, *folk-lore*, é a identidade, a tradição e o conhecimento de um povo expressos em lendas, crenças, provérbios, canções e costumes. Minas Gerais é um Estado extremamente rico na variedade dessas crenças, folguedos, mitos, provérbios, ditos populares e casos como sustentação de topônimos.

As manifestações folclóricas em Minas têm suas origens nas tradições, usos e costumes dos colonizadores portugueses, com forte influência das culturas indígena e africana. Essas influências estão guardadas nos objetos de artesanato, na culinária, danças típicas, nas músicas, na linguagem, na literatura, na medicina popular e nas festas com manifestações populares tradicionais.

Curupira, o Protetor das Florestas; Iara, a Mãe das Águas; o Caboclinho D’água no Velho Chico; o Saci-Pererê, como a Mula sem Cabeça, povoam o imaginário popular.

Em Belo Horizonte, por exemplo, como em muitas cidades mineiras, os nomes dos bairros e aglomerados remetem aos topônimos com raízes antigas e que são transmitidos através das gerações. Muitos dos nomes topônimos têm sua história garantida por uma lenda.

O Folclore, do ponto de vista pedagógico, apresenta vários eixos temáticos que podem mostrar ao aluno a riqueza de sua cultura. O tema permite ao professor, explorar e favorecer atividades pedagógicas de leitura, por exemplo, relacionadas aos diversos personagens apontados acima. Destacam-se, ainda, provérbios e ou ditos populares, enunciados que as pessoas usam, quase automaticamente, como recomendação ou conclusão de um relato.

Nesse sentido, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, em atendimento à Comissão Mineira de Folclore, reitera seu apoio às tradições populares do municípios de Minas. Assim, sugere que a escola incentive e instigue seus alunos, nas atividades da Semana do Folclore, a relatarem, ou criarem e escreverem histórias a partir do imaginário popular de seu bairro, de sua comunidade, dos diversos centros de cultura popular ou, ainda, a partir de um provérbio ou dito popular conhecido.

A Comissão Mineira do Folclore é uma entidade que atua em Minas Gerais, desde 1948, sem fins lucrativos. Realiza pesquisas e estudos na área de Folclore e Cultura Popular.

Textos da Colcha de retalhos

A sombra do andarilho

Antonio de Paiva Moura – membro efetivo e do Conselho Fiscal da Comissão Mineira de Folclore

O ponto de partida de José Moreira de Souza, em *A sombra do andarilho: o folclore e suas charadas*, isto é, o ponto em que ele começa a nos cutucar é no capítulo “Diversidade cultural e desenvolvimento sustentável, a contribuição dos estudos de Folclore”. Neste ponto ele puxa um tento novo de vez que em cada tempo de sua existência, a Comissão Mineira de Folclore, através de seus membros procurou explicitar a questão da tradição e da modernidade. A cultura modernizada devorando as tradições como o tamanduá no formigueiro. Antes da existência da Comissão Mineira de Folclore, Lindolfo Gomes, de Juiz de Fora e Alexina Magalhães Pinto, de São João Del Rei já se preocupavam com o fato de que a perda das tradições redundava em perda da cultura nacional e valores regionais.

Aires da Mata Machado Filho, como primeiro presidente da Comissão Mineira de Folclore publicou artigo em 1956, no qual analisa os preconceitos contra as tradições regionais do país. Uma das razões de tais discriminações reside na predominância da ideologia positivista com a idéia de que a história consiste na superação de uma fase arcaica tradicional por outra positiva, na qual o saber científico supera o saber tradicional.

O segundo presidente da Comissão Mineira de Folclore, Saul Martins, em seu “Folclore: teoria e método” procura esclarecer o termo tradição e o caráter dos fatos folclóricos. Primeiramente, vê tradição como uso corrente do elemento cultural antigo. Uma instituição ou entidade criada no passado vigora por diversas gerações a exemplo da Comissão Mineira de Folclore, cujos membros fundadores são todos falecidos. Em seguida, vê tradição como processo de entrega da herança cultural de uma geração a outra. Com a colonização do passado e a globalização do presente esse processo de entrega sofreu interrupções e interferências em prejuízo das culturas nacionais. Para Frantz Fanon, o homem colonizado é aquele que renuncia à sua cultura original. O negro que embranquece como Michael Jackson; a negra que quer ser loira; os latino-americanos que querem ter o *american way of life*, o modo americano de viver.

Na década de 1970 a UNESCO, percebendo como o mercado e as empresas multinacionais interferiam nas culturas regionais, realizou uma série de conferências intercontinentais, buscando estabelecimento de políticas culturais coerentes. O tema da conferência de Helsinki, na Finlândia, em 1972 foi o pluralismo cultural e a unidade nacional. A conferência de Jogiakarta na Indonésia (1973) teve como tema o desenvolvimento tecnológico e as culturas nacionais. *Não se deve confundir a manutenção da tradição com a rejeição do progresso tecnológico. O acesso à modernidade não deve adotar a forma de uma alienação, nem de um imperialismo econômico.* A conferência de Bogotá, Colômbia, tratou da educação infantil voltada para a preservação do meio ambiente e as culturas regionais. Somente a revista “Correio da UNESCO” publicou as cartas e as posições tiradas em todas as conferências. Os referidos textos continuam adormecidos nos arquivos da instituição.

As tradições perduram por muito tempo, mas são passivas de mudanças. Nessa dinâmica é que reside o papel do folclorista como analista e interprete dos fenômenos renovados ou transformados. Essa é a principal preocupação e principal matéria do livro de José Moreira de Souza que conclama os leitores a peregrinar em busca do saber, na figura simbólica do andarilho.

Belo Horizonte, agosto de 2012.

Assim, tem grande interesse em colecionar trabalhos de estudantes que tenham sido feitos sobre o tema. Portanto, solicita às escolas enviarem redações feitas para o e-mail : oficinafolclore@superig.com.br, com a devida identificação da Escola, Município, nomes dos alunos e respectivos professores orientadores.

Contando com o habitual apoio dessa instituição, desejamos-lhes muito êxito nas atividades a serem desenvolvidas durante a “Semana do Folclore”.

Atenciosamente,

Soraya Hissa Hojrom de Siqueira
Diretora de Temáticas Especiais

Guiomar Maria Jardim Leão Lara
Diretora da Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino

Tecendo Minas Gerais

Foram encaminhados até o momento - dia 27 de agosto - redações de alunos das escolas estaduais das seguintes cidades

Conselheiro Lafaiete, Contagem, Manhumirim, Patos de Minas, Uberaba, Campanha, Frutal, Espinosa, Ituiutaba, São Sebastião do Maranhão, Caratinga, Paraguaçu, Francisco Dumont, Leopoldina, Barroso, Juiz de Fora, Alpercata, Santa Luzia, Andreândia, Serro – Pedro Lessa, São Francisco, Sem Peixe, Araxá, Cachoeira da Prata, Ouro Fino, Buritis, Santo Antônio do Cruzeiro, Berilo, Unaí, Santo Antônio do Cruzeiro, Rio Espera, Pedra Azul, Formiga, Passa Quatro, Ipatinga, Varzelândia, Itajubá, Carandaí. Há também escolas onde o nome dos municípios não foi identificado.

As contribuições dessas escolas serão estudadas e preparado um relatório para a Secretaria de Estado da Educação, no qual será explicitada a diversidade do saber popular em Minas Gerais e a forma de trabalho dos professores.

Textos da Colcha de retalhos

PRIMEIRO DE ABRIL – DIA DA MENTIRA

Antônio Henrique Weitzel
(Membro efetivo da
Comissão Mineira de Folclore)

Praticado em vários países, é de origem francesa, mas recebemos de Portugal, onde era chamado de “Dia das Petas” (Açores) ou “Dia dos Enganos” (Porto).

Sabe-se que muito antigamente, até 153 A.C., o ano só tinha dez meses e 304 dias, começando nos meados de março, para corresponder ao início da primavera, e o dia primeiro era exatamente do “aprilis mensis”, do verbo “aperire”= abrir, mês em que a terra se abre pela primavera. Curioso é que foi mantida até hoje a nomenclatura dos 4 últimos meses do ano: setembro (de sete), outubro (de oito), novembro (de nove) e dezembro (de dez), encerrando-se então o ano no mês dez. Mais tarde foram acrescentados os meses de janeiro e fevereiro, ficando o início do ano colocado de vez no dia 1º de janeiro. Mas antes, trocavam-se presentes, saudações e votos de boas-festas no dia primeiro do primeiro dia que aparecia no calendário, a saber: 1º de abril.

Com essa transferência, a troca de presentes passou para 1º de janeiro, porém muita gente continuou a manter o primitivo costume, até que, com o tempo, desistiram de trocar presentes duas vezes no ano, e substituíram o dia 1º de abril por troca de pilhérias, falsas notícias, brincadeiras. E esse dia passou a ser o Dia da Mentira, da Farsa. Na França, é chamado de “Poissons d’avril” (Peixes de abril, pelo fato de o sol deixar nesse mês o signo zodiacal de Peixes). Nos países de língua inglesa, o nome é: “April Fool’s day” (dia dos tolos de abril). Celebra-se a data com trotes e gozações, com presentes falsos, enfim, toda sorte de brincadeiras.

Em tempos passados, os jornais anunciavam festas, recepções, que não existiam, só para enganar os trouxas, atraídos por aquelas falsas notícias. Mas até os dias de hoje o noticiário jornalístico é fértil em comunicados desse tipo, como ocorreu no jornal britânico “The Sun” informando que o presidente de um país europeu iria submeter-se a uma série de procedimentos cirúrgicos para alongar seus ossos e, assim, não precisar de olhar para cima quando conversasse com a primeira-dama. Na mesma época a BBC de Londres exibiu imagens captadas por seus cinegrafistas flagrando um bando de pinguins voando por sobre regiões geladas do polo sul.

Ficou famoso, muitos anos atrás, o trote aplicado pelos estudantes de Ouro Preto (MG), que anunciaram a apresentação de “A Ceia dos Cardeais”, uma peça teatral em versos (1902), do escritor, poeta e teatrólogo português Júlio Dantas (1876-1962), em que três cardeais, sentados a uma mesa, recordam as aventuras galantes de sua mocidade. Só que os estudantes armaram uma farta mesa e três deles, vestidos de cardeal, entravam no palco e, em silêncio, comiam a valer, até não aguentarem mais, e depois se levantavam e, continuando em silêncio, iam-se embora, e a cortina se fechava. Uma verdadeira farsa.

Adultos e crianças acordavam nesse dia bolando uma boa mentira para pregar num companheiro e rirem-se depois

de sua cara decepcionada. Fazia-se uma pessoa dar uma boa caminhada inútil, olhar-se no espelho para descobrir um sujo inexistente, fazer alguma coisa impossível, etc. Tudo era motivo de brincadeira.

Mas a tradição do dia 1º de abril vai aos poucos caindo no esquecimento.

Talvez porque já vivem pregando constantemente tantas mentiras no povo que ele não precisa mais de um dia especial para isto. É o ano inteiro e principalmente em época de eleição...

Assim o costume vai morrendo.

Quem sabe, por saturação...

Rio Abaixo

Domingos Diniz – vice-presidente da Comissão Mineira
de Folclore

O rio-abaixo é uma variante do lundu. Não há dança. Os versos em décima são cantados acompanhados pela viola, ou ainda apenas o solo de viola. A décima do rio abaixo conta a estória de um homem do pé de garrafa, o pé redondo, exímio violeiro que desce o São Francisco num caco-de-cuia ou numa canoa furada. Esse homem é o capeta, o diabo, o demônio. Há diferença no toque da viola entre o lundu dança e o “rio-abaixo”.

“O toque da viola do rio-abaixo é quase um pedal. Sustenta-se uma nota grave, dando-se a impressão de ali está o tempo forte, enquanto o dedilhado faz o solo. Já o lundu dança, a viola é “rasqueada”, ritmando firme o contagiante lundu sem a preocupação do pedal.” Informa-nos o cantor e compositor Marku Ribas.

Contamos aqui, numa versão livre, a estória que ouvimos do rio abaixo em Pirapora.

O homem violeiro, de pé redondo, desce o rio num caco-de-cuia. Vai parando nos portos. Principalmente onde houver festa. Numa destas paradas, a festa estava animada. O violeiro se destacava com sua viola. Todas as atenções voltavam para ele. Quando um menino olhou-lhes os pés e disse:

- Viche, mãe, o homem tem um pé redondo.

- Ao que a mãe respondeu:

- Cada um como Deus fez.

O violeiro, sem olhar pro menino, respondeu com voz forte e rouca:

- Tudo como fez-ou-feiz.

O violeiro continua a viagem no caco-de-cuia. Para noutro porto, onde há mais uma animada festa. Todos dançam e cantam. Ao lado do homem/violeiro, duas moças bonitas conversam. Uma chora as mágoas, reclama da vida. Fora abandonada pelo noivo. A outra para consolar, falou:

- Mais sofreu Jesus Cristo.

Ao que, o violeiro, sem parar de tocar, redarguiu:

- Mais sofreu-sofreu.

Mais adiante, outra festa animada. Como sempre acontece nas festas nas barrancas do rio, saiu uma briga brava. Homens rolando no chão. A poeira sobe. Gritos e mais gritos. Deixa disto, deixa disto, todos falam de uma só vez. Uma

Textos da Colcha de retalhos

senhora brandindo o rosário evoca a ajuda de Nossa Senhora, com o VALEI-ME NOSSA SENHORA. O homem/violeiro botando fogo pelas ventas diz fanhosamente:

- Já vêm vocês com o nome desta MULHER.

Ouve-se um estouro e o cheiro do enxofre toma conta da casa. O violeiro desapareceu, soverteu.

Há um tabu, segundo o qual, aquele que cantar a décima do rio abaixo morre. Segundo conta o folclorista, João Naves de Melo, ele entrevistou e gravou três cantadores do rio abaixo. Quinze dias depois, um deles morreu. Assim, hoje não se encontra quem queira cantar os versos do rio abaixo. No máximo que se consegue é o solo de viola. Sem canto, sem canto. Há pouquíssimo registro escrito sobre a décima do rio abaixo. Os mestres consagrados não falam do assunto. João Naves de Melo publicou uma série de artigos no jornal SF-São Francisco (MG). O professor Aires da Mata Machado Filho (1900-1955) colheu alguns versos, mas não chegou a publicá-los.

Há uma semelhança da estória contada no rio abaixo, em Pirapora, com um conto do escritor português Alexandre Herculano, sob o título “A mulher do Pé de Cabra”.

Existe manifestação folclórica em Belo Horizonte?

Antônio de Paiva Moura – membro do Conselho Fiscal da Comissão Mineira de Folclore

Contribuindo para a confecção simbólica da colcha de retalhos, em curso na Comissão Mineira de Folclore, tento dar uma resposta à questão do folclore e a modernidade. Peço vênica para usar a primeira pessoa no texto, porque neste retalho coloco uma posição pessoal, sem a preocupação de estar tecnicamente correto.

Convivi com alguns sócios fundadores da Comissão Mineira de Folclore que falavam dos fatos folclóricos de suas épocas com certa nostalgia. A goiabada feita com a polpa e a casca da fruta já não vinha mais embalada em caixinha de madeira, isto é, goiabada cascão era só no nome. A modernidade e a transformação social colocam fora de órbita as tradições que perdem a função ou perdem seu lugar na sociedade, mas adotam outras necessárias para o momento.

Em 1947 quando Belo Horizonte completou 50 anos o jornalista Dijalma Andrade editou um livro intitulado “História Alegre de Belo Horizonte”, no qual relata diversas tradições da cidade que se vinham declinando. Uma delas era o costume de permanecer horas nos cafés, maldizendo os outros e forjando boatos. A opinião do Bar do Ponto valia como opinião pública. O Café Iris na Av. Afonso Pena, primeiramente foi ponto de encontro de torcedores de clubes de futebol, passando depois a ser frequentado pelos integralistas. Com a derrota do Nazismo e do Integralismo a freguesia do referido bar mudou. O Café Java, esquina de Av. Amazonas com Tupinambás era frequentado por estudantes e jornalistas. Com o crescimento do centro da cidade, comerciários e operários

começaram a frequentar o Café Java e sua freguesia original debandou. Na atualidade, o Café Nice e o Café Palhares persistem, mas com outras tradições.

Quando eu era estudante, nas décadas de 1950 e 1960, equivocadamente achava que folclore em Belo Horizonte só existia nos tipos populares, como Jaburu, Lambreta, Sempre, Cintura Fina e Terezão. Não percebia que na casa de meus pais, o que mais havia era um modo folclórico de viver. Éramos doze irmãos, sendo sete homens e cinco mulheres. Meu pai e meus cinco irmãos mais velhos eram músicos. Os aniversários dos membros da família eram comemorados na casa paterna, com presença garantida de filhos, genros, noras e netos. Não faltavam tocatas de música, dança, bolo com velas, comida caseira, doces e bebidas. Como a casa grande não existe mais, meus irmãos e sobrinhos continua essa tradição reunindo-se em restaurantes da cidade.

Os casamentos de minhas irmãs e de minhas sobrinhas foram celebrados nas igrejas de Lourdes e de Santo Antônio, no bairro do mesmo nome. As comemorações foram nos salões dessas mesmas igrejas. Todas se casaram com vestidos brancos, véus e buquê de flor. Os noivos vestiam ternos mais escuros, com flor branca na lapela esquerda do paletó, simbolizando o amor pela noiva. No salão de festas a noiva, depois de cumprimentar os convidados, de costas para o grupo de moças solteiras, atira o buquê. A moça que pega o buquê terá sorte e brevemente se casará. Foi assim, no dia 4 de julho de 2012 os rituais de casamento de minha última sobrinha solteira, Glaucia Ottoni Moura e seu noivo Hermes Souza Costa. O pai da noiva, João Evangelista de Moura bancou as despesas de recepção dos convidados, conforme manda uma tradição muito antiga, porém revestida de novas formas.

Na época feudal, na Europa Ocidental os vassallos ajudavam os senhores nas despesas de casamentos de suas filhas. O senhor devia dar ao noivo um dote de casamento. A moça que não tinha dote era desprezada. Esse costume já não existe, mas o presentes de casamento o substitui. Quanto mais status, mais presentes uma noiva recebe. Em agradecimento o pai da noiva oferece o banquete. Em 1565 o pintor flamengo, Peter Bruegel pintou o célebre quadro “Um casamento aldeão”, no qual os convidados se divertem no meio da fartura de comidas. Passados 447 anos do registro de Bruegel, podemos ver, em Belo Horizonte, a alegria dos comensais nas recepções de casamento.

Belo Horizonte, agosto de 2012

Textos da Colcha de retalhos

PAROLA

Colhida em Campo Belo, Minas Gerais, em 13 de janeiro de 1989 por **Águeda M. C. Kallas**. Informante: **Milton Pereira Carvalhais**.

A parola em questão foi ouvida pelo Dr. Milton de um violeiro do Rio Vermelho, norte de Minas Gerais. Ele disse que este violeiro foi trabalhar no interior de São Paulo e lá conheceu o jogo do bicho. Na sua volta à cidade natal, o violeiro cantou a parola na venda para um grupo de amigos, entre os ouvintes estava o Dr Milton. Isto foi na década de 40, por volta de 1942. Segundo o informante ela perdurou, e pode até existir em gravação. (Versos em redondilha menor)

- Num´bro 1 é avestruz, começo(u) nossa parola.
- Num´bro 2 el´ é a águia, tem pena de galinhola.
- Num´bro 3 el´ é o burro que dá pulo com espora.
- Num´bro 4 el´ é a borboleta, faz seu ninho na corola.
- Num´bro 5 qu´ é o cachorro que tem a boa memória.
- Num´bro 6 el´ é a cabra que dá leite pra quem chora.
- Num´bro 7 é o carneiro que todos os Santos adora.
- Num´bro 8 é o camelo, me leva pro mundo afora.
- Num´bro 9 el´ é a cobra, dá o bote e desenrola.
- Num´bro 10 el é o coelho pastando capim d´angola.
- Num´bro 11 é o cavalo, com “cilião” da senhora.
- E o 12 é o elefante botando a tromba de fora.
- O 13 ele é o galo, pra canta(r) foras de hora.
- E o 14 el é o gato, pra dormir num faz demora.
- Num´bro 15 é o jacaré, nada com o lombo de fora.
- 16 é o leão brincando com sua argola.
- 17 é o macaco qu´ em todo pau se engaiola.
- E o 18 el´ é o porco bem fritim na caçarola.
- 19 é o pavão que olha pros pé e chora.
- Num´bro 20 é o peru que dá tiro de pistola.
- 21 el´ é o touro pelejando com a tora.
- 22 el´ é o tigre, tem o corpo que tem mola.
- 23 el´ é o urso, tem dinheiro na sacola.
- 24 é o veado, pra correr num faz demora.
- E o 25 el é a vaca, dá seu leite e vai s´ embora.
- E acabou nossa parola começo(u) o parolão.
- 25 el´ é a vaca que dá queijo e requeijão.
- 24 é o veado correndo no chapadão.
- 23 el´ é o urso, brinca pra ganha(r) tostão.
- 22 el´ é o tigre, que dá tapa e traição.
- E o 21 el´ é o touro puxando seu carretão.
- Num´bro 20 é o peru quando incha faz balão.
- 19 é o pavão, tem fama de bonitão.
- E o 18 el´ é o porco bem fritim no caldeirão.
- 17 el´ é o macaco, pulador pau cai no chão.
- 16 é o leão qu´ é o rei das criação.
- Num´bro 15 é o jacaré nadando no lagoão.
- E o 14 el é o gato rudian´o seu fogão.
- E o 13 el´ é o galo, tem espora e não é peão.
- E o 12 é o elefante arrastando a tromba no chão.
- E o 11 é o cavalo que dá sela e “cilião”.

- E o 10 el´ é o coelho com fama de velhacão.
- Num´bro 9 el´ é a cobra, dá o bote nos cristão.
- E o 8 é o camelo, me leva pelo mundão.
- E o 7 é o carneiro que todos os Santos adorão.
- E o 6 é a cabra que dá leite pros chorão.
- Num´bro 5 é o cachorro que tem o nome de cão.
- Num´bro 4 é a borboleta serenando no mundão.
- Num´bro 3 el´ é o burro, tem marcha, num é trotão.
- Num´bro 2 el´ é a águia, parente do gavião.
- Num´bro 1 é avestruz, comedeira de carvão.
- E acabou nossa parola e também o parolão.
- (Considerações do informante):
- “No começo ele falava número, o num´bro descansa o cantador.”
- “Galinhola é um tipo de perdiz.”
- “Cilhão é sela de mulher, mas eles cantam cilião desdobrado em ião”
- “O não, na região, de modo geral, só é dito no final da frase. Por exemplo: Cê num faz isso comigo não.”
- “A argola é de circo, sacola é de circo. O povo só conhece leão e urso no circo.”
- “O peru dá tiro porque incha o peito e dá um arranco.”
- “Touro é boi inteiro, não é colocado no carro. Burro trotão a gente põe na carga porque ninguém güenta o socado dele- “Adorão é igual adorarão.” -Eu comentei: O porco, coitado, esse num tem escapatória, né? Dr Milton, meu pai respondeu: -”Ah, é...se num for bem fritim, num dá tiragosto”)

“RODA PIÃO, BAMBEIA, Ô PIÃO”

LUIZ FERNANDO VIEIRA TRÓPIA
Membro Efetivo da Comissão Mineira de Folclore

O pião, como a vida, é lançado de fora.
Ele roda, bambeia, rola, rola, e para.
Novamente lançado, roda, roda, bambeia,
se não foge da roda é detido, castigado.
O pião é cultura do homem que morre.
Acaba a vida humana, mas o pião permanece.
A cultura persiste mesmo castigada.
Outro pião é lançado, que roda, que vive...
“O pião entrou na roda, ô pião.
Roda pião, bambeia, ô pião.
Sapateia no tijolo, ô pião.
Roda pião, bambeia ô pião.”

Venho desenvolvendo desde 1990 uma pesquisa sobre brinquedos e brincadeiras tradicionais e folclóricas no bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Trata-se do meu local de nascimento e de moradia por mais de meio século, onde percebo as mudanças que se operam nos costumes e tradições com o passar dos anos. Santa Tereza é um bairro peculiar, em relação aos demais, pela sua tradição de boemia,

Textos da Colcha de retalhos

pela característica essencialmente residencial, de vida própria, comunitária, de relacionamento vizinho-vizinho, sendo também geograficamente separado dos bairros próximos pelo Ribeirão Arrudas e também pelo seu próprio relevo. Sempre foi um bairro de muitas casas, somente passando a sofrer interferências da especulação imobiliária bem recentemente, quando as casas estão cedendo lugar aos prédios de apartamentos. A pesquisa visa estabelecer um paralelo entre o passado e o presente, sobre o folclore lúdico, ou seja, os brinquedos e brincadeiras tradicionais.

A primeira parte da pesquisa refere-se ao levantamento das brincadeiras na época de minha infância, ou seja, da idade de cinco anos (1958) até os 15 anos (1968). Isso se baseia na memória individual e coletiva, incluindo as pessoas que participavam comigo das brincadeiras da época. A esse respeito venho listando todos os brinquedos e brincadeiras que me vêm à memória, somado de entrevistas que faço com todos os amigos de hoje e companheiros de infância (contemporâneos). É importante observar como essas entrevistas têm sido agradáveis e interessantes pelo fato de lembrarmos os bons tempos de infância, recuperando e resgatando muitas brincadeiras e passagens, que vão se apagando na memória, devido ao modo de vida atual. Da mesma forma os entrevistados ficam admirados de ver que não passam para os seus filhos aquelas tão saudáveis práticas lúdicas, que envolviam criatividade, solidariedade, ligação com a cultura popular regional e tradicional. Ficam surpresos de ver que estão fornecendo aos seus filhos somente o que é ditado pelos meios de comunicação e pelo modismo, como os brinquedos eletrônicos e outros que, em pouco tempo, tornam-se obsoletos e encostados. As crianças não tem tido mais contato com a natureza ou mesmo com o espaço das ruas e calçadas, restringidas às limitadas áreas dos apartamentos. Ao fazermos essa listagem, discutimos também as explicações para essa enorme mudança nos costumes, devido a violência urbana, trânsito intenso nas ruas, insegurança ocasionada pela marginalidade, influência da televisão, também como meio dominante de diversão e outros.

Em relação à nossa infância, podemos situá-la no período anterior à grande transição causada pela televisão e conseqüentemente aos hábitos de lazer. A televisão foi inaugurada em Belo Horizonte em agosto de 1955, mas não tinha se tornado acessível à maioria da população. O período é também anterior ao surgimento dos brinquedos eletrônicos movidos à pilha, dos jogos computadorizados e outros que reduzem a participação da criança para a forma passiva.

A segunda parte da pesquisa é o presente, ou seja, o levantamento dos brinquedos e brincadeiras das crianças de hoje, excetuando os modismos. Nessa fase, estou entrevistando crianças na idade de 5 a 15 anos, para dar maior ideia de um paralelo. Normalmente abordo uma ou mais crianças que estejam brincando. Faço indagações de como aprenderam a brincadeira, quem a ensinou, e se sabem de outras formas de brincar. Nessa entrevista, inevitavelmente, informo às crianças sobre brinquedos e

brincadeiras que elas não conhecem, atendendo às suas curiosidades. Logo, a própria pesquisa é um constante intercâmbio.

Essa pesquisa tem os seguintes objetivos:

- Resgatar as brincadeiras e brinquedos tradicionais, registrando-as e comparando-as com as atuais, analisando o seu conteúdo e as alterações com o passar do tempo.
- Verificar se existe o decréscimo ou acréscimo em termos quantitativos e qualitativos.
- Registrar a forma e dinâmica das brincadeiras do presente.
- Comprovar se o fato folclórico sobrevive à massificação e imposições externas.
- Verificar o nível de expressões da cultura popular em um bairro classe média de uma grande metrópole.

O roteiro de entrevista com as crianças é o que se segue:

- Qual o nome da brincadeira que estão participando?
- Como ela funciona?
- Onde aprenderam?
- Com quem?
- Quais são as outras brincadeiras que conhecem?
- Se sabem fazer algum brinquedo. Quais?
- Se sabem brincar de (sugestiono algumas brincadeiras mais expressivas em nossa infância):
 - Chicotinho queimado
 - Boca-de-forno
 - Queimada
 - Bente-altas
 - Passa-anel
 - Brincadeiras de roda
 - Bolinha-de gude
 - Papagaio, pipa ou raia.
 - Finca
 - Pique, pegador ou esconde-esconde
 - Maré
 - Rouba-bandeira
 - Pião

Não se pode ainda antecipar qualquer análise sobre a pesquisa, pois ela está em plena fase de aplicação, observação e descrição. No entanto, pode-se afirmar que a mesma vem cumprindo sua maior finalidade de recuperar ou resgatar as brincadeiras e brinquedos esquecidos por duas gerações bem presentes e que pouco se relacionam e trocam experiências: os pais e filhos da atualidade.

Textos da Colcha de retalhos

SABEDORIA

Frei Francisco van der Poel ofm –
Membro do Conselho Fiscal da Comissão Mineira de
Folclore

Um dos sete dons do Divino Espírito Santo. Provérbios (8,30-31) fala da sabedoria de Deus Pai, criador do céu e da terra: “Como o mestre de obras eu (a sabedoria) estava com Ele, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença, brincava na superfície da terra e me alegrava com os homens.” A sabedoria e o riso andam juntos. A aceitação da condição de criatura leva o o ser humano a confessar seu pouco saber.

Segundo Carlos Mesters, a primeira condição para entender a Bíblia não é estudar a história, mas viver. “O saber de cada um se funda nas raízes da experiência vivida. E esta experiência é, em grande medida, intransferível”.¹ O mesmo afirma um alcoólatra recuperado quando ensina: *Não basta saber o caminho certo; é preciso passar por ele.* (2006)

Alguns livros do Antigo Testamento que cultivam de modo especial esta sabedoria são chamados sapienciais: Jó, Salmos (Sl), Provérbios (Pr), Eclesiastes (Ecl), Cântico dos Cânticos (Ct), Sabedoria (Sb) e Eclesiástico (Eclo).² No Antigo Testamento (Is 3,3; 5,21; 19,14; Jr 8,8; 18,8; Ez 7,26), a elite da nação judaica incluía sábios, sacerdotes, profetas e militares.

Segundo um provérbio chinês: “Sabedoria é não subir muito alto, nem descer muito baixo.”

A sabedoria é dos antigos e das assembleias. Não é sistemática como a ciência, mas busca a coerência. Não é privilégio de quem sabe ler e escrever. A pessoa simples e humilde também pode ter grande sabedoria.

Ditos populares: *Deus sabe o que faz.// Cada um sabe de si e Deus de todos.// Deus cochila, mas não dorme.// De grão em grão, a galinha enche o papo.// Pé de pobre não tem tamanho.// Roupas sujas se lava em casa.// A necessidade faz o sapo pular.// Águas passadas não tocam moínho.//* Charada: *O que é, o que é, que o rico faz toda hora, o pobre quando pode, e o cachorro faz toda hora? Resposta: Festa.*

A sabedoria popular tem tudo a ver com a contemplação e o bom senso. Segundo Irineu M. Macedo (Agudos-SP/2005), *a sabedoria nasce da fé diária.* Os idosos nos transmitem sua experiência de vida: falam de saúde, religião, amor, dinheiro, educação e natureza, com poucas palavras. Os pretos velhos dão conselhos e orientações através de provérbios.

No século XVI, o livro “A Utopia” (1516-1517) do humanista Thomas Morus é de profunda sabedoria ao propor a autêntica vida política, social e religiosa das nações. No século XX, no livro “Viventes das Alagoas”, Graciliano Ramos nos apresenta o cantador Inácio da Catingueira: “Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como seus olhos brindados de negro

viam as coisas! É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos”.³

Dois títulos referem-se à sabedoria de Maria: “Nossa Senhora do Bom Conselho” e “Nossa Senhora da Pena” referem-se à sabedoria de Maria que cantou: “Deus eleva os humildes.”

A sabedoria vem aliada à humildade. João Guimarães Rosa o diz assim “Só sabemos de nós mesmos com muita confusão”. Em Várzea Alegre (CE, 01/09/1991), o sábio poeta cearense Miguel Alves de Lima declama:

*Que alguma coisa sei/ pensa alguém mal entendido/
Eu só sei que nada sei/ Só isto tenho aprendido/
Até mesmo o que eu sei/ às vezes estou esquecido.//
Quem fui, quem sou, quem serei/ Nada não posso dizer/
Quem eu fui já não sou mais/ Quem sou deixo de ser/
Quem serei não conheço/ Fico sem nada saber.//*
(Várzea Alegre-CE, 01/09/1991).

Já o violeiro Nelson do Jacob, da folia de reis de Jequitibá (MG/1996), diz: *A gente não sabe nada. Mas o pouco que sabe, Deus abençoando, vale muito. E acrescenta: Não tem ninguém que sabe tudo, nem os doutor. Mas os pequeno, que nem eu, sabe alguma coisinha também. Não existe esse que não sabe nada.* Um verso de roda, registrado em São Paulo (SP): *Você diz que sabe tudo/ lagartixa sabe mais/ Ela sobe na parede/ coisa que você não faz.//*

Temos de concordar: O povo tem saber e o conhecimento popular é coerente. A comunidade constrói o saber que a sustenta. A antropologia, a ciência do humano, começa lá, na base, onde estão as vivências concretas, as sabenças e os conhecimentos do povo. O saber popular é componente essencial na formação humana. O professor peruano Carlos Alberto Seguin, citando Zárata, diz: “O saber provém da experiência comum de um grupo que lhe há dado a origem e que o conserva. É um conjunto de experiências, de feitos materiais e espirituais; muito especialmente na medida que ele é fruto coletivo e patrimônio ou propriedade de um grupo geralmente não muito grande, unido entre si por este saber.”⁴

Carlos R. Brandão acrescenta: “O saber da religião popular é uma memória salva pelas redes sociais de trocas entre agentes e usuários, e uma memória viva, enquanto as unidades locais de sua reprodução preservam ativas as condições do trabalho coletivo dos especialistas do sagrado. As unidades de que falo são grupos de consenso, entre agentes de solo ou de duplas rezadoras, capelães, benzedeiros, curandeiros, pais de santo de consultório; ou são equipes corporadas, com estrutura de valor político para dentro e de valor simbólico para fora, entre os agentes que trabalham em grupos - os chefes católicos de ternos de congos, de turmas de santos reis ou São Gonçalo, o pai de santo de terreiro e o dirigente pentecostal com ‘igreja’ formada.”⁵

Um bom exemplo de saber compartilhado ou

Textos da Colcha de retalhos

comunitário temos nas mulheres de periferias urbanas que, juntas, cultivam o conhecimento das plantas medicinais. Havendo alguém doente, consultam-se umas às outras: qual será o incômodo? Uma conhece uma planta ou raiz que cura, outra já sabe onde se acha esta planta. Evidentemente, também o raizeiro serve à comunidade com seu saber. A medicina popular é mestiça e reúne conhecimentos antigos; está viva, renovando-se através da TV e pela leitura de cartilhas publicadas pela pastoral de saúde ou pelo governo.

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha questiona e reflete: “Como deve ser estimulado e protegido o conhecimento tradicional? Como garantir equidade e assegurar a continuidade do saber tradicional? Não há respostas simples. Quanto à equidade, é injusto o sistema atual: empresas - sobretudo, mas não exclusivamente - estrangeiras apropriam-se de conhecimentos tradicionais sem que os grupos que os produziram participem adequadamente dos eventuais benefícios. Engana-se quem acha que basta reconhecer propriedade intelectual coletiva de grupos tradicionais sobre seus saberes. O saber tradicional, descrito na Convenção da Diversidade Biológica (CDB) como incluindo conhecimentos, práticas e inovações, não é um simples repositório de conhecimentos do passado. É um modo de produzir inovações e transmitir conhecimentos por meio de práticas específicas. ‘O que é tradicional no saber tradicional não é sua antiguidade, mas a maneira como ele é adquirido e usado’, diz a DCB.”⁶

Concluindo: A sabedoria é uma virtude. O sábio é um justo; orienta indivíduos e assembleias; é um guia que mostra o que deve ser feito e o que é necessário evitar. Vive voltado para Deus, que lhe dá o conhecimento.

Notas

¹ BEZERRA, Afda. et al. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 114.

² GRUEN, Wolfgang. *Pequeno vocabulário da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 61.

³ Apud: BATISTA, Sebastião Nunes. “O Preconceito da Cor na Literatura de Cordel.” In: ENCONTRO cultural de Laranjeiras - 20 anos. Sergipe: Governo do Estado de Sergipe, 1994. pp. 117-118.

⁴ SEGUÍN, Carlos Alberto. “Introducción a la Psiquiatria Folclórica.” In: SEGON, Carlos Alberto. et al. *Psiquiatria folclórica: shamanes y curanderos*. Lima: Emar Ediciones, 1979. p. 17.

⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 160.

⁶ CUNHA, Manuela Carneiro de. “Saber Tradicional.” In: *Folha de São Paulo*. 19/12/2001. p. A-3.

O silêncio do povo

Francisco van der Poel ofm

Para muitos hoje, o conceito ‘silêncio’ logo é associado a poluição sonora que seria o seu oposto. Mas cuidado! O silêncio é um valor fundamental e não simplesmente sinônimo de ociosidade ou do vazio e sem som. Tanto que provérbio diz: *falar é prata, calar é ouro*.

No silêncio, o povo se concentra para pensar e morar num assunto ou para amar e imaginar versos, até

mesmo para criar uma música.

O silêncio favorece a meditação dos mistérios. Nele, é possível ouvir a voz de Deus (1Rs 19,8-13; Pr 14,18). Por isso, monges e penitentes retiram-se para uma ermida ou para o deserto.

Antigamente, era costume manter o silêncio na sexta-feira santa e no sábado santo. Evitava-se o barulho. O costume de não tocar sinos ou campainhas neste dia ainda é observado em muitas igrejas. Hélio Damante registrou, em São Paulo: “As locomotivas não apitavam, nem se batia o ferro, para não lembrar o ruído das lanças dos soldados romanos”.¹ Em Paraty (RJ), na quaresma, os que haviam feito folguedos guardavam a viola em um saco. Outros violeiros distorciam as cravelhas e deixavam as cordas bambas até as festas de junho.²

Em atitude de respeito, tradicionalmente, quando os mais velhos falavam, os mais novos permaneciam em silêncio. Quando o verdadeiro sábio fala, é bom prestar atenção, abrir os ouvidos e o coração para receber a mensagem e tomar tempo para refletir sobre ela.

No séc. VI, o papa São Gregório Magno aconselhava o clero: “Seja o pastor discreto no silêncio, útil na fala, para não falar o que deve calar, nem calar o que deve dizer. Pois da mesma forma que uma palavra inconsiderada arrasta ao erro, o silêncio inoportuno deixa no erro aqueles aos quais poderia instruir.”³

O silêncio é próprio do esperar. Aguardamos uma visita, uma notícia, o cumprimento de promessas. Podemos esperar o futuro da nação e até o fim do mundo. É importante observar os sinais dos tempos e refletir sobre o porque da nossa breve existência.

Fomos longe, mas retornemos para mais próximo.

Concretamente, o homem simples pode querer usar poucas palavras assumindo seu pouco saber.

Também existe o medo de se expor - silêncio sobre sexo, política e religião – que pode ser resultado de uma história de repressão e censura. A resignação significa, às vezes, negar-se a exercer a cidadania. Pensem na lei do silêncio nas favelas. O calar-se pode ser a defesa mínima do pobre e dos vencidos: silêncio em troca da sobrevivência.

Quando, no dia 17 de março de 2007, o movimento “Rio de Paz” lembrou os 700 assassinatos ocorridos no Rio de Janeiro entre o dia 1º de janeiro e 15 de março, o teólogo presbiteriano Antônio Carlos Costa afirmou: “Estamos correndo o risco de a democracia deixar de ser um valor para a população. Entre o direito à liberdade e o direito à vida muita gente escolhe o segundo.”

O silêncio pode mostrar que o pobre entende a situação, mas conscientemente passa por cima. Para que o pobre exerça o direito de dizer o que pensa, é preciso que haja condições para o diálogo. Se por um lado o povo espera calado, de outro lado realiza-se o grito dos pobres, o grito dos oprimidos.

De vez em quando, encontramos benzedeira que rezam muito baixinho ou de modo incompreensível. Não é raro que um benzedor não queira revelar suas orações com medo de ser denunciado à autoridade eclesial, policial

Textos da Colcha de retalhos

ou sanitária. Para alguns rezadores, o benzimento passou a ser uma espécie de prática hermética não explicada e mantida em segredo. Alguns dizem que certas orações só podem ser ensinadas a três pessoas, especialmente as que fecham o corpo contra perigos ou inimigos. Neste caso, o motivo da não revelação está na convicção de que, se reveladas, as orações perderiam o encanto.

Não só as benzedoras protegem seus mistérios contra a invasão indevida (curiosidade, ridicularização). As igrejas ortodoxas costumam realizar o ritual da consagração eucarística atrás dos ícones fora da visão dos fiéis. Algumas religiões proíbem a seus membros a revelação dos rituais da iniciação e não mostram o culto publicamente na praça ou na mídia).

Vejam ainda as palavras prudentes de Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira. Peritos na interpretação da religiosidade popular, escrevem: “Sabendo que o mundo social não se deixa interpretar facilmente, buscamos as causas profundas que escapam à consciência dos indivíduos. Através do dito, procuraremos atingir o não dito, porque as opiniões e intenções declaradas dos sujeitos conduzem ao deciframento das relações e do imaginário que se lhes sobrepõe. Acreditamos que a vida social não pode ser explicada unicamente pela concepção dos que dela participam - já que há causas profundas que escapam à consciência dos falantes.”⁴

Notas

¹ DAMANTE, Hélio. *Folclore brasileiro*: São Paulo. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1980. p. 35.

² MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Paraty*: religião & folclore. 2.ed. Rio de Janeiro: Arte & Cultura, 1976. p. 106.

³ Gregório Magno. Lib. 2, 4 (Regra Pastoral). In: MIGNE, J. *Patrologia Latina* (PL). t.77, 30-31.

⁴ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança*: representações sociais da vida religiosa. Belo Horizonte: Mazza, 1995. p. 25.

Texto extraído do Livro “Nossas Lendas”, Professora Nair Starling da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1948

Elieth Amélia de Sousa – secretária da Comissão Mineira de Folclore

Dentre as lendas contidas no livro “Nossas Lendas”, encontra-se a do Saci Pererê, que foi a motivação escolhida tanto para a Colcha de Retalhos quanto para a Colcha de Textos. A fonte escolhida foi um livro de 1948, mesmo ano da criação da nossa Comissão Mineira de Folclore, que tem como autoria uma professora da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte chamada Nair Starling, conforme fonte anunciada ao final deste texto. No prefácio a autora diz o seguinte:

As lendas estão sujeitas a modificações inevitáveis e variantes, guardando, entretanto, o mesmo fundo. Elas

passam de geração em geração envoltas em crença e mistério. Crença que não arrefece e mistério que não se desvenda. Dentre as lendas contidas no livro “Nossas Lendas”, encontra-se a do Saci Pererê, que foi a motivação escolhida por mim, tanto para a Colcha de Retalhos quanto para a Colcha de Textos.

Saci é pretinho. Saci tem meio metro de altura e uma perna só. Saci usa barrete vermelho e tem olhos de fogo...
“Saci-Pererê, que medo eu tinha de você...”

Ente absolutamente fantástico, o Saci é parceiro do Lobisomem da Mãe D’Água, do Caboclo. Fantástico e lendário, o Saci vive pulando com uma perna só...

“Saci-Pererê, que medo eu tinha de você...”
São inúmeras as lendas em torno do Saci, mas a melhor de todas é, sem dúvida, esta que mostra o pretinho escolado vencido pela mulher:

O Saci-Pererê e a Mulher

Saci é sagaz, manhoso e diabólico.
Será a mulher ainda mais esperta?

Vejamos:

Saci estava tomando conta da mulher a pedido do marido que se ausentara numa viagem longa.

Para onde ia a mulher, aí estava o Saci a importuná-la. Uma bela hora, perdendo a paciência, a mulher disse-lhe amigavelmente:

- Sacizinho do coração, é verdade que você pode tudo?
Seria capaz de entrar numa garrafa?

Saci ficou confuso.

A voz da mulher era tão meiga, tão pura e sedutora... Saci perturbou-se, envaideceu-se e, para mostrar mesmo seu grande poder, meteu-se dentro da garrafa.

A mulher, bem depressa, arrolhou-a e pôs-se a rir, a zombar da ingenuidade do Saci, preso assim facilmente.

O saci estava preso, ele, que antes, dizia poder tudo, E ainda hoje se vê, em desenhos, o Saci preso na garrafa.
“Saci-Pererê, que medo eu tinha de você”.



Textos da Colcha de retalhos

Coroando o mês de maio, de Maria

Maria de Lourdes Costa Dias Reis – Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Em maio, as noites se tornam mais frias e mais longas. É tempo de uma tradição ligada profundamente à cultura mineira – a coroação de Nossa Senhora. Na maioria das cidades mineiras são organizadas festividades nas igrejas, geralmente após a missa vespertina, para homenagear a Virgem Maria.

O culto a Maria tem suas origens nas festas religiosas romanas, em louvor à deusa “Maia”, símbolo da agricultura, representada pela fecundidade da Deusa-Mãe. Daí, originando-se o mês de Maio, que os cristãos consagraram como homenagem a Maria, mãe de Jesus. As coroações marcavam as cerimônias em louvor a Nossa Senhora, como festividades extra litúrgicas, simbolizando sua entrada triunfal no céu.

Os costumes da coroação de Nossa Senhora foram levados para a Península Ibérica e transplantados para o Brasil, sendo mais arraigados em Minas Gerais. Além da influência portuguesa e espanhola, sofreu também certa ascendência da cultura africana, onde a exaltação à Virgem Maria se fez sentir através da devoção ao Rosário.

Nas coroações após a missa vespertina, as cinco numa variável entre três e doze nos, usam longos vestidos de “anjos”, confeccionados em cetim azul claro, rosa, amarelo, verde água e o tradicional branco. Nas costas, usam asa feita de penas de pão ou galo e, na cabeça, uma coroa de flores brancas com estrelas prateadas, chamada de “diadema”. Acabada a missa, os anjos entram em procissão, cantando uma música dedicada a Nossa Senhora. Três crianças menores vão à frente puxando a procissão e levando os símbolos da fé, esperança e caridade, representados por uma âncora, cruz e um coração vermelho.

O altar é armado em formato triangular, com duas escadas laterais levando até o centro, no alto, onde se encontra a Nossa Senhora que será coroada. As meninas se dividem em dois grupos distintos e sobem as escadas cantando uma estrofe que se repete sempre, após cada menina cantar o trecho que lhe cabe. A coroação é dividida em quatro etapas: a colocação da palma, do véu, do ramallete e culmina com a parte mais importante que é a colocação da coroa. Nesta hora, os sinos dobram, em júbilo, na igreja, enquanto os outros anjos postados nas escadas laterais jogam pétalas de flores em Nossa Senhora com gestos delicados e suaves. Em seguida, descem do altar e saem da igreja em procissão, cantando a música da saída num coro forte, entoado por todos.

Após a coroação, a menina encarregada de colocar a coroa, distribui “os cartuchos” que, conforme o próprio nome indica, é um cone de papelão enfeitado de papel de seda ou

crepom repicado, contendo balas, amendoim confeitado com açúcar ou outras guloseimas.

O preparo da coroação obedece a um ritual cuidadoso ao qual se entregam as mulheres envolvidas no evento, durante todo mês de abril e entrando no próprio maio. As coroações começam no dia primeiro de maio e só terminam no primeiro dia de junho, com a coroação mais bonita e vistosa. Os preparativos vão desde a confecção dos enfeites e aparatos das meninas e do altar, até a elaboração das músicas. Os enfeites obedecem um longo processo envolvendo confecção manual e artesanal. As asas são feitas de penas de um galo ou de um pato branco, grande, que, após ser cuidadosamente lavado com sabão, é sacrificado e suas penas delicadamente recolhidas uma a uma e guardadas numa fronha para confeccionar o arranjo. Com o arminho, isto é, as penas fininhas como algodão, são feitos enfeites para as cestinhas que levam as pétalas de flores ou as bordas dos vestidos dos “anjos”.

As músicas são de linguagem simples e pura, exaltando e louvando a mãe de Jesus, sempre em estilo paralelístico, com a repetição de um mesmo tema e refrão, realçando a beleza, bondade, pureza e o amor de Nossa Senhora. Assim cantam as meninas:

*“Vamos subir com alegria
Ao tono de Nossa Mãe Pia,
Levar a nossa homenagem
À doce Virgem Maria”*

Terminada a cerimônia da coroação, as meninas voltam para casa felizes, com a sensação de haverem cumprido uma missão bem feminina e agradável, louvando e exaltando Nossa Senhora, Mãe de Jesus, ingenuamente, sem saber que, inconscientemente, repetem uma tradição secular da cultura mineira.

Folkcomunicação

Sebastião Geraldo Breguêz (- membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

O mês de agosto é o mês internacional do folclore, quando lembramos e estudamos nossas tradições culturais populares. Dessa forma, vale a pena lembrar aqui as idéias do jornalista e comunicador pernambucano Luiz Beltrão, o criador das Ciências da Comunicação no Brasil. Ele também criou, na década de 1960, a Folkcomunicação como disciplina científica com o objetivo de analisar os impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares na sociedade globalizada. Ao longo dos anos, esta disciplina se transformou em importante área de reflexão acadêmica, dentro do universo comunicacional brasileiro, liderada por dois principais discípulos de Beltrão: o seu sucessor imediato, o professor Dr. Roberto Benjamin (UFRPE) e o professor Dr. José Marques de Melo (Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação). Por incentivo destes dois pesquisadores, junto

Textos da Colcha de retalhos

com uma dezena de acadêmicos de várias partes do Brasil, foi criada a Rede Nacional de Pesquisadores de Folkcomunicação, que já realizou dezenas de congressos em parceria com universidades brasileiras do Norte a Sul do país, o último em Campina Grande, promovido pelo UFPb, região rica em manifestações folclóricas; Aqui em Minas também realizou, em Beagá, o I Seminário Brasileiro de Folkcomunicação, no Palácio das Artes, quando analisou-se o impacto da globalização e da comunicação nas culturas locais e regionais.

A proliferação de estudos e pesquisas na área de Folkcomunicação – que estuda a interface que une a Comunicação e o Folclore (Cultura Popular), com o intuito de oferecer condições para uma reflexão permanente e aprofundada da repercussão do folclore na mídia – fez com que as principais instituições nacionais e internacionais de Ciências da Comunicação criassem Núcleos e/ou Grupos de Pesquisas nesta área como: ALAIC – Associação Latino-americana de Ciências da Comunicação; FELAFACS – Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social; LUSOCON – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação; INTERCOM- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. A Folkcomunicação, assim, se dedica ao estudo “do processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através dos agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Luiz Beltrão). Assim, para entendermos o seu verdadeiro campo de ação, temos que situar os dois itens básicos na análise do tema: um significado de *Cultura Popular* (folclore) e um significado de meios de *Comunicação*.

O estudo do folclore começou a ser valorizado com o romantismo. Mas com uma concepção de povo bem idealista sem considerar que a sociedade é formada por classes sociais. O povo não constitui uma simples categoria abstrata, mas é elemento vivo, transformador, criador de valores materiais e espirituais determinantes no desenvolvimento histórico. As manifestações populares, por isso, encerram conteúdo vivo e dinâmico, numa constante criação. O folclore pode ser muito bem visualizado - como insinua o pensador italiano Antônio Gramsci - em termos de estruturas ideológicas da sociedade: ao lado da chamada cultura erudita, transmitida nas escolas e sancionada pelas instituições sociais, existe a cultura criada pelo povo, que articula concepção de mundo e de vida contrário aos esquemas oficiais dominantes.

A importância do folclore está no fato de que ele é elemento fundamental da formação cultural de um país, uma nação. No Brasil, as tradições populares são importantes no processo de criação da cultura brasileira e identidade nacional. Contribuíram para isto, além das três raças fundamentais – o branco português, o índio nativo e o negro africano, outras etnias e povos que migraram para cá.

Hoje o grande problema é a perda de identidade com a sociedade globalizada. Pois, com a influência dos meios de comunicação, o predomínio da cultura de massa, e

intensificação do avanço industrial com novas tecnologias, e o turismo como fenômeno de lazer das multidões, novos desafios foram lançados às manifestações folclóricas. Conseqüentemente, abriram novas perspectivas ao estudo dos processos de transformação, aculturação a até mesmo de destruição. É por isto que temos que compreender estas mudanças para nos defendermos dos efeitos nocivos da globalização e são de extrema importância as idéias de Luiz Beltrão.

Topônimo

Edméia Faria – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

O Novo Aurélio de Língua Portuguesa registra: **Topônimo**. [De top(o) - + -ônimo.] **s.m.** Nome próprio de lugar. Ex. Europa, Espanha, Amazonas, Pará, Brasília, Maceió, Serra do Mar, Solimões.

Tais designações comumente se inspiram nas próprias características físicas do *habitat*, como sejam: Brejo Grande, Sumidouro, Lagoa Azul, Morro do Chapéu.

Em Pompéu, interior de Minas Gerais, a 164 quilômetros de Belo Horizonte, os topônimos estão fortemente ligados a sua história e características da região, tais como Buriti, Buritizinho, Buritizal, Buritizeiro, Buriti Comprido, Buriti do Canto, Buriti Grande, Buriti Oco, Buriti do Veado, Buriti Torto, Buriti do Açude.

Tais nomes se devem à farta vegetação de buritis existentes na região por época de seu povoamento, iniciado pelos tropeiros. Estes, vindos do Norte de Minas em direção a Pitangui e ao Litoral, faziam pouso para descanso das grandes viagens nesta região onde abundam os buritis, local propício ao reabastecimento das forças e das tropas, graças à presença de boa aguada e fartas pastagens.

Atraídos pela riqueza e variedade da vegetação e fauna neste interior do **Sertão dos Buritis**, muitos tropeiros, cansados da vida nômade, ergueram ali os seus casebres. E ficaram. Era o início do povoado, conhecido como **Povoado do Buriti da Estrada**.

Com a vinda de Dona Joaquina para a Fazenda do Pompeo em 1784, o povoado cresceu. Cresceu o movimento de tropeiros e viajantes. Logo, surgiu o comércio, com as primeiras vendinhas. Não tardou, o povoado passou a arraial, com o nome de **Arraial do Buriti da Estrada**.

Só em 1939, quando o arraial foi elevado à categoria de cidade, decidiu-se pela mudança do nome: Pompeo, em homenagem ao primeiro morador “civilizado” Antônio Pompeo Taques.

Alargada em proporções babilônicas pelos novos proprietários, que foram anexando outras terras limítrofes à primitiva fazenda, designada Fazenda do Pompeo, deu-se origem ao então maior município mineiro: o Município de Pompéu, atualmente, com nova grafia, em virtude da pronúncia aberta dos seus habitantes.

Textos da Colcha de retalhos

Os buritis, no entanto, pelo poder de sua força e força do seu poder, continuaram por longo tempo a exercer a atração de tropeiros, viajantes e forasteiros. Foram eles, os buritis, responsáveis pela economia e o turismo na região. E ainda hoje, com o seu quase desaparecimento, em virtude do desmatamento e outras devastações inomináveis em nome do progresso, sustentam o nome de fazendas, fazendinhas e lugarejos dentro do atual Município, como do exposto acima. Além das características físicas, os topônimos, não raro, têm sua origem em casos, situações bizarras, ou lendas, transmitidas de geração a geração.

Assim se explicam, em Pompéu, região pesquisada, o batismo de **Morro Doce** e **Morro da Saudade**, para só citar estes dois.

Contam que, no tempo dos engenhos de cana, na época da moagem, um homem vinha descendo o morro com um pote de melado na cabeça. Levou um tropeção. O pote caiu longe e se quebrou. E o melado escorreu morro abaixo. Daí o topônimo **Morro Doce**, que deu nome também ao bairro formado em suas imediações.

O Morro da Saudade intriga moradores e visitantes, pelo nome e pela presença de três cruzeiros de tamanhos diferentes erguidas em seu topo.

Estudando a toponímia, encontramos duas versões que correm entre o povo. Ambas contam uma história dramática. Pelo limite de espaço, decidimos registrar aqui a primeira aprendida, que nos parece justificar melhor tal batismo.

Dizem que a filha de um fazendeiro se apaixonou por um forasteiro que lhe fez a corte.

O pai não consentiu o namoro e o expulsou de suas terras. Apaixonados, porém, os namorados passaram a se encontrar às escondidas, sob as bênçãos e proteção da mãe no dito morro, próximo à Casa Grande. E planejavam fuga.

Descoberto o plano, o Coronel indignou-se e mandou matar o rapaz. Os capangas o alcançaram no topo do morro. E ali deram cabo de sua vida. No local, ergueu-se uma cruz, consoante costume no sertão, vigente ainda nos dias atuais. A moça não resistiu. Morreu de paixão no mesmo local. Ergueu-se então a segunda cruz, menor e ao lado da primeira. Inconformada, a mãe subia ao morro todos os dias na hora da Ave Maria, para rezar pela filha. E chorava e chorava e chorava. Não comia, não dormia. Foi definhando, definhando... Dizem que morreu de saudade no mesmo local. Ergueu-se aí a terceira cruz, ao lado e menor que as outras duas.

Desde, então, o morro tomou o nome de **Morro da Saudade**.

Sobre o popular e a exacerbação dos símbolos: não-cidades, o êxodo - presença do Peixe na obra Drummondiana....

Lúcia Tânia Augusto – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

O popular seria então uma exacerbação no uso do símbolo? Drummond então, teria levado às últimas consequências, o

entendimento do fenômeno econômico e político transformado em poesia e religiosidade dentro imaginário popular? Algo entre o sentimento medieval da catástrofe, do medo da morte, do fim do mundo e a inevitabilidade da atividade mineradora em seus efeitos sobre o meio ambiente das cidades? A poesia, escrita racional e a religião, escrita simbólica do fenômeno popular, não seriam face da mesma moeda?

Poema racional, poema-social, poema-denúncia e as suas válvulas de escape na realidade. Como denunciar os entraves trazidos pelas atividades econômicas, principalmente, a mineração e a indústria da fundição? A indústria da guerra? O cordel no nordeste e a poesia no sul, o crescimento das **romarias**, viraram fenômenos com efeitos socialmente observáveis nos campos político-cultural e daí vem a proposta deste trabalho. Pretende-se resgatar o conceito de não-cidade em sua origem, da utopia utilizando a obra drummondiana produzida para os efeitos da mineração no espaço geográfico de nascimento do poeta Carlos Drummond de Andrade que, na sua descrição dos efeitos da atividade mineradora, acessa a realidade do Cemitério do Peixe. Não-lugar que, pela presença dos desertos, do ermo, permiti-nos a interferência da linguagem popular para explicação o fim da atividade econômica do lugar, para além da maldição, através da romaria e da absolvição das almas. Lá a morte é preservada como patrimônio real, até as suas últimas consequências. Lá, onde não há nada a herdar, nada para dividir, nada para reverenciar no sentido material, mas espiritual.

Entendo-se a literatura como linguagem popular, assumiremos Drummond como precursor, no Brasil, que primeiro trata da exploração econômica de recursos não-renováveis, com a propriedade que somente um poeta pode ter.

Utiliza o discurso literário como uma “falsa” abordagem da cultura local, para tratar de temas universais que fundamentam os princípios da economia imperialista de todo o século XX. Propunha a interpretação (a denúncia) dos mitos o fim do mundo, necessários de sentido culturas locais e preenchê-los da lógica racional e economicista.

Esvaziar os lugares, manter reservas, assustar artistas, os velhos, qualquer indivíduo que não fosse mão-de-obra da indústria mineradora. Assumindo a veia capitalista que se espalhava pelo menos, desde o século XVII, e que emcapara discursos hora racionais, hora catastróficos, pretende-se entender a presença inglesa nas terras mineiras e os autores que buscaram identificar as intenções.

Drummond rendeu-se ao poema-denúncia, a posteriori, para tratar de temas que ocuparam esse universo popular. Inventariou as perdas, no momento certo, adequado, porque a ligação com a poesia evitou que ele fosse transformado em mais um profeta louco, anunciante o fim do mundo.

Planejou, o tipo de abordagem, desde a aparência séria de homem gentil e cordial, afeito a exageros, defensor da leitura e da palavra, a fim de que não confundissem com um mito religiosa.

Desconstruiu a imagem real do profeta e reconstruiu-a na obra, já na maturidade, distanciado dos arroubos da juventude e cercado de intelectuais que o balizariam em seu discurso.

Textos da Colcha de retalhos

Entender o que acontecia e não-dizer foi a tônica do século XX, século em que o poeta viveu várias fases. Mesmo assim, continuou o anunciador permanente do fim do mundo? O objetivo deste texto é comprovar a popularidade da obra de Drummond através do reflexo sobre o universo popular. O popular em aparência em difusão é avesso a imagem de Drummond, mas na sua essência se casa perfeitamente com a alma do poeta. Pouquíssimos autores de poesia, diria que somente o cordel, exploraram tão sistematicamente o universo da palavra e da cultura popular como Drummond. Há na sua produção uma permanência profícua, um uso de um gosto duvidoso, que chega à brincadeira da palavra e das suas excentricidades quando transformadas em língua do povo. Retrato (imagem congelada), deserto, morte, procissão, paraíso... Ele exauriu, como o minério, as possibilidades de exploração da perspectiva popular e transformou-a em poesia. A discussão sobre o popular, neste trabalho, tem um motivo quase óbvio: acessar como o poeta entendeu o medo coletivo do fim, da participação do fim. Cada habitante da cidade, trabalhador da Mina identificava-se com o medo do desaparecimento da cidade e com o desejo de mudança social através da exploração mineral. A população resultante da exploração mineral sabe-se depredadora, consciente ou inconscientemente. Coletivamente colabora, na sua rede de relações, com o fim de si mesma. Não por catástrofe, mas por exercício diário da responsabilidade da mudança na paisagem. A perda, a morte, o esquecimento. Em Itabira, inevitavelmente isso aconteceu em grande escala, com o Pico do Cauê. Concreto demais. Visível demais. Tão visível como as mudanças sociais e econômicas possíveis: aumento das reservas de capital, mobilidade social, incremento do comércio local e notoriedade, pela poesia e pela economia.

Culturalmente a cidade responde de forma eficiente a um modelo econômico implantado também na África para a exploração de reservas, com o deslocamento da mão-de-obra forra para as minas. Nesse caso, diferente pois a paisagem que pereceria seria a das famílias tradicionais que um dia fizeram o mesmo com as populações indígenas no uso da terra para a agricultura.

Resta-nos agora, discutir o que é popular dentro dessa perspectiva, ou seja, a transformação do popular em clássico, reconhecimento do discurso poético em sua análise, tendo como base a economia e inserção no meios letrados.

Transformar Itabira em um cemitério cultural seria a primeira tarefa. Integralmente, identificar os símbolos como algo morto, das almas. O esquecimento das raízes familiares, as tradições milenares, para dar lugar ao mundo do trabalho e da desconstrução.

O cultivo das suas raízes foi enquadrado em segundo plano para a transplantação da cultura comercial e racional, voltada para o mercado exterior.

Os seus efeitos são inevitáveis, um deles, a desvalorização do exercício da identidade local e a reverência aos seus antepassados. Itens fundamentais no acervo da cultura africana. A destruição da paisagem natural, portanto, é inversamente proporcional ao exercício da diversidade e da pluralidade cultural de povos de origem africana, assim como

a desconstrução de seus mitos fundadores. Instrumentos de metal, introdução da cultura marcial das bandas, do culto não-circular e não-totêmica, portanto. A ausência da vegetação. Preservá-la, é preservar a identidade destes povos.

A ideia de êxodo, da distância do paraíso, da prestação de contas e absolvição serão instaladas e somente rituais secretos se tornarão possíveis. Aí entra o Peixe. Onde ele se instala, hoje, foi o possível no exercício de uma cultura fadada a morte, determinado o fim da extração mineral.

Seus símbolos, seu outro lado do Rio Paraúna, seus rituais secretos mantiveram e tornaram possível o que é a festa hoje: uma manifestação da liberdade do caos popular, sem ordenamento, fada sempre fim que não se acaba. O Peixe é a resistência do traço cultural mais efêmero e, portanto, mais simbólico de uma ideia da nação possível.

Lá em Itabira, apegado a passeios pela mata do intelecto e conversas com o negro Alfredo Duval e, principalmente, ao contato com a vegetação na sua infância, Drummond ressentia-se literariamente da falta de consistência da sua obra ao deparar-se com a paisagem desértica de Itabira. Não há mais nada, é um deserto.

E metaforicamente, encontra-se com as romarias do Cemitério do Peixe, com seus cemitérios de pedras, milhares delas no meio do caminho, caminho de negros

CANTOS DE PEDIR CHUVA

Maria Agripina Neves

Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Aquelas cenas nunca me saíram da memória. Todos os anos ela se repetia. Ainda hoje, anos e anos depois vejo o povo com as latas d'água na cabeça, cantando:

Santa Maria Madalena vai pedir ao Senhor, que chova na terra, vai pedir ao Senhor, que chova na terra. Mandai chuva que nos molhe, nos dai pão que console, porque somos vossos filhos, não nos deixe morrer, morrer de fome (bis). Senhor, Deus de Misericórdia, misericórdia Senhor. Pelas dores de vossa Mãe, vossa Mãe Santíssima, misericórdia Senhor.

Logo que terminavam o canto entoavam um bendito:

Bendito e louvado seja o santíssimo sacramento da Puríssima Conceição.

Da Virgem Maria, Senhora Nossa, concebida em graça, sem a mancha do pecado original, amém, amém, Jesus.

Em seguida beijavam a cruz e cantavam: *Vinde pecadores, vem beijar a Santa Cruz e no céu achará o coração de Jesus. No céu achará o coração de Jesus.*

Textos da Colcha de retalhos

Passava os meses de maio, junho, julho, agosto em geral sem chuva. Em setembro os lavradores aguardavam ansiosos a primeira chuva para arar a terra e jogar nela as sementes de milho e feijão, voltar com o gado para os pastos perto de casa, afinal, a partir de setembro iniciava o tempo da plantação das roças e os pastos brotavam novamente. Hora de limpar e estocar brejos e hortas. Mas não se plantava nada antes da primeira chuva.

- A seca esse ano está brava! Sempre diziam nas conversas diárias. Nos pastos o capim esturricava, o leite rareava cada dia mais, fazer queijo ou doce, nem pensar, o leite era pouco, mal dava pro gasto. Se não chovesse logo, fatalmente não teriam boa colheita.

À tarde, Raimundo debruçado na janela de seu casebre de pau a pique, olhava a paisagem. Nenhum sinal de nuvem. Algumas árvores ressequidas, sem folhas, pareciam mortas. A poeira tomava conta de tudo. A água do açude abaixava, abaixava, abaixava. Já faltava água pra jogar nos canteiros de couve, que cada dia ficava com as folhas mais grossas, endurecidas e cheias de pulgões. Nem água de fumo resolvia o problema. Na árvore perto do terreiro o sabiá de papo alaranjado entoava seu canto. – *Piedade Senhor! Piedade Senhor! Piedade, piedade.*

Na cozinha D. Nair preparava a merenda da tarde enquanto matutava sobre a seca, que nunca acabava. E mais uma vez, em anos e anos de vida naquele recanto, ela resolvia. - *É hora de molhar o pé do cruzeiro!* E então mandava avisar a todos os moradores do lugar. Todos ajuntavam latas, baldes, panelas, litros e marcavam os dias, sim, porque eram necessários três dias de procissão, rezas, cantos e água no pé do cruzeiro.

Marcado o dia, normalmente à tarde, cada um saía de sua casa, com toda a família, pai, mãe, filhos, tias, avós e todos os parentes, cada um com sua vasilha de água na cabeça em direção ao cruzeiro. Vinham de todos os lugares e direções, alguns se ajuntavam ao longo da estrada, outros, só quando chegavam ao local. Às vezes se reuniam num cruzeiro colocado em algum espaço do lugarejo, mas em geral iam para o adro da capela local.

Lá chegando, rezavam um terço e tão logo terminavam, saíam para molhar o pé do cruzeiro, cantando para Santa Maria Madalena e derramavam toda a água, carregada às vezes por quilômetros. A cena se repetia por três dias, mas às vezes nem era necessário, no final do segundo dia, o tempo se fechava e a chuva descia para alegria de todos, que garantidamente podiam iniciar as plantações de fim de ano.

E no ano seguinte, a cena se repetia. A fé na Santa Cruz e em Santa Maria Madalena, que um dia lavou os pés de Jesus com suas lágrimas permanecia viva e a tradição daquele povo simples do interior continuava.

GESTOS E EXPRESSÕES.

Danielle Gomes de Freitas – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Alguns gestos bem populares no Brasil, têm origens árabes, gestos de cortesia como a maneira de acenar com as mãos mexendo os dedos para cima, beijar a própria mão em saudação carinhosa a um conhecido e também beijar as cartas que enviamos a pessoas de nossa estima; gestos de desdém, como entortar a boca e lábios de través, de raiva e protesto mordendo os dedos, estão registrados no Corão.

O uso de expressões em conversas, em que chamamos o interlocutor de “Homem de Deus ou criatura de Deus”, ou quando agradecemos presentes recebidos, dizendo: “_ Deus aumente suas coisas!”, provavelmente bens materiais, são de influência moura. Também a forma imprecisa das indicações de localizações e distâncias, normais em respostas dos habitantes do interior e em algumas grandes cidades brasileiras, como: “_ É ali!”, indicando mais com gestos do que verbalmente, como a conhecida “Léguas de beijo” “onde o informante indica “...estendendo o lábio e erguendo o queixo...”, semelhante aos mouros, que respondiam: “_É perto!”, mesmo que fosse muito distante.(Cascudo,1967:37)

SOCIABILIDADE.

Alguns aspectos da sociabilidade do brasileiro, têm origens árabes, como a receptividade em relação às visitas; no sertão nordestino, as visitas rápidas e de negócios eram recebidas no alpendre, a hospitalidade era oferecida por três dias, passando disso, “...dá azia.” segundo dito popular, no Brasil e em Portugal.(Cascudo, 1967:39).

O hábito de resolver conflitos, por meios de vinganças com assassinatos dos membros das famílias rivais, era muito comum entre os gaúchos, e até hoje entre os nordestinos nos sertões da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará. Segundo Câmara Cascudo essa é uma herança moura com traços berberes, que se prolongou por muitas gerações, considerando que no Brasil além dos familiares, amigos e correligionários também participavam.

Quanto ao casamento, o ritual no Rio Grande do Sul, possuía características do casamento árabe; um grupo de cavaleiros acompanhavam a noiva em seu cavalo, havia simulações de rapto e evoluções enquanto eram disparados muitos tiros para o alto ; todos(homens e mulheres) ostentavam suas melhores roupas, sendo que as mulheres trocavam constantemente de roupas e durante o baile de casamento, exibiam juntamente com estas suas melhores jóias. (Ornellas,1976:243)

Segundo Câmara Cascudo, o ciumento recato a que estavam destinadas as mulheres brasileiras do período colonial até princípios do séc. XX, não pode ser considerado como reminiscências do harém de domínio mouro, devido às evidências encontradas anteriores à expansão muçulmana na Europa, nos períodos de ascensão de gregos e romanos; segundo o autor, “...o ciúme masculino não tem pátria de origem.”(Cascudo,1967:30)

Segundo Ornellas, por meio da influência espanhola na colônia em meados do séc.XVII, o extremo sul do Brasil assimilou, aspectos significativos da cultura dos Maragatos

Textos da Colcha de retalhos

da Espanha, de procedência Árabe-Berbere, especialmente, em relação ao cavalo, sendo assim parte da cultura dos Pampas se baseia no culto ao cavalo. Ele ainda representa para o árabe e para o gaúcho intensa ligação com os valores e crenças familiares; de acordo com o autor, "...o gaúcho transpõe para o cavalo todos os cuidados pessoais que a si próprio se dispensa...". (Ornellas,1976:236).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros. Franceses e Judeus:**Três presenças no Brasil.Rio de Janeiro: Ed. Lêtras e Artes, 1967, 154 p.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e Beduínos**(A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul), Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1976, 309 p.

A DANÇAS POPULARES TRADICIONAIS NO CONTEXTO ESCOLAR – UM DESAFIO

Kátia Cupertino

As danças populares tradicionais podem ser identificadas sobre alguns aspectos

Tradição: As danças nas culturas populares tradicionais é aquela limitada pela tradição. Tradição entendida aqui como participante da dinâmica cultural contemporânea, fazendo parte de uma história continuada e em constante transformação.

Funcionalidade: Embora elas só aconteçam apoiada na sua funcionalidade sempre agregada ao contexto da festa mantendo a identidade cultural de um determinado grupo social e, na medida em que se tem um grupo em que possa circular; correm o risco de serem influenciadas pela aceleração de movimentos migratórios proporcionando novas diferenças culturais.

Transmissão: A forma de se aprender seus movimentos ocorre de forma específica, uma vez que a sua transmissão só vai até onde está o limite deste grupo. Podemos considerar este fator como um determinante das danças nas culturas populares tradicionais, uma vez que as outras realizam a sua transmissão fora dos meios sociais em que acontecem, sem perder com isto as suas características.

Memória: As suas origens ou história depende da memória dos dançarinos mais antigos, que podem ou não passar para os integrantes da comunidade. Além disso, ao ser transmitida, precisam adaptar os elementos de sua história ao tempo e espaço em que a comunidade se encontra sem, contudo, perder o elo da tradição e valores assimilados por este grupo. Esta forma de transmissão gera uma rede de significados que será decodificada individualmente, e isto dependerá de como se dará a leitura destes movimentos; daí a sua diversidade na expressão corporal embora a matriz determinante dos movimentos seja conservada.

Num mundo conectado na rede de informações, quais seriam as traduções da tradição dadas pelas relações contemporâneas?

Com a modernidade as identidades nacionais permanecem fortes, mas as identidades locais têm se tornado mais importantes. A globalização nos traz a fragmentação de códigos culturais, uma multiplicidade de estilos, com ênfase no efêmero. A difusão da cultura popular através da

comunicação retirou o pano da caricatura da cultura nacional ditada pela cultura hegemônica.

O estudo dos fatos culturais sob a ótica do Folclore coloca-nos em frente ao "*saber fazer*". Ora, o *fazer* não está dissociado de uma reflexão e contextualização e sim associado ao saber, portanto estudar as manifestações da cultura popular é buscar entender o *saber do fazer*. Nenhum fato cultural aparece e, principalmente, permanece na sociedade, sem uma reflexão. Ao mesmo tempo em que nenhum fato é assimilado por um grupo social, sem antes ter passado pelo processo dinâmico do *pensar o fazer*.

Procurando entender as danças populares tradicionais em plena modernidade é vê-las através da ótica do presente sob sua dinâmica e funcionalidade. A globalização impõe a homogeneização,mas também propõe a diferença.

As danças nas culturas populares tradicionais no espaço escolar:

Os grupos ditos de projeção folclórica podem beber da fonte onde se inspiram, porém, devem estar atentos quanto ao risco da homogeneização. Ressaltamos que o risco a homogeneização através de símbolos culturais "partilhados" não dão conta da extensão da diversidade cultural aflorada por ela mesma. O folclore ao ser "utilizado" e divulgado somente sob o enfoque puramente artístico através de grupos identificados como para-folclóricos ou de projeção não oferece qualquer meio para o CONHECIMENTO COMO EMANCIPAÇÃO.

A apropriação do corpo e seus movimentos nas danças populares tradicionais é claramente diversificada tal qual a nossa identidade cultural. Ao analisarmos a sua expressão corporal relacionando-a a sua historicidade, daremos um grande passo para perceber esta manifestação como um fato sócio-cultural e não só como espetáculo.

Ao ser observado o contexto histórico/ social em que essas manifestações se inserem, constatamos nesse aspecto ser necessário conhecer e reconhecer as festas e a comunidade em que são aceitas e assimiladas, tendo em vista, serem estes elementos fatores determinantes e, na maioria das vezes, decisivos para a transformação, manutenção e sobrevivência da dança em questão.

Através da **Educação conscientizadora, reflexiva, portanto crítica**, seria uma forma alternativa de alcançar esse conhecimento. "A educação básica deve propor captar os excluídos como sujeitos de educação, de construção de saberes,conhecimentos, valores e cultura". (Arroyo,1998:17). Ao propor dançarmos as nossas danças populares tradicionais entendendo-as como parte do todo, reconhecendo seus signos e significados através da história escrita à margem da historiografia oficial, estaremos contribuindo para repensar o saber pedagógico e a utilização da arte como um meio de conscientização.

Assim, as possíveis contribuições no âmbito pedagógico passaríamos a ser a de contribuir para o interesse no estudo \ pesquisa das tradições populares; divulgar a diversidade cultural nas Danças Brasileiras; contribuir para o reconhecimento do outro em sua singularidade; gerar conhecimento propiciando o reconhecimento dos sujeitos históricos imersos num contexto sociocultural; e vincular

Textos da Colcha de retalhos

uma análise histórico crítica que supere o senso comum na vivência da dança. Portanto, indo além de dançinhas apresentadas aos pais e professores, de caráter exótico, longínquo e mumeificado.

Compreendemos a educação não apenas como a transmissão de informações, mas como o desenvolvimento da capacidade de relacionar os conteúdos e criar interpretações pessoais. Embora a escola, ao colocar seletivamente o saber como erudito como dominante, devemos ressaltar que os sujeitos das manifestações populares não podem ser tratados como se fossem isentos de questionamentos e de qualquer consciência crítica. Eles sabem o que fazem e o porque o fazem!

A partir da inserção das danças populares tradicionais no contexto escolar o professor/professora pode ir além ao propor: instigar a curiosidade pelas manifestações populares tradicionais (inicialmente vistas apenas como exóticas); conhecer/pesquisa ou registros “in loco” (reconhecimento do outro); incentivar ao estudo aprofundado (registro / saberes do sujeito) e motivar para a crítica e conscientização do retorno às manifestações (olhar exótico para olhar de respeito)

Enfim, dancemos a “Morte do Cisne”, mas também, a morte e o ressuscitar do Boi! Não basta sabermos que “dançamos diferente” de outras culturas **é preciso saber até onde o somos, porque e em que somos semelhantes!** Este é o nosso novo desafio, não só ensinar mas aprender com o outro!

Ao Meu (Nosso) Mestre Andarilho

Kátia Cupertino – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Entre tantas publicações sobre as culturas populares tradicionais, ler “A sombra do andarilho- o Folclore e suas charadas” de José Moreira de Souza, me possibilitou refletir, questionar e aprender com maior profundidade sobre alguns temas que este fértil campo de saberes possibilita.

“A sombra do andarilho” nos a fazer uma leitura provocativa e questionadora (aliás estas são as marcas do professor: nos inquietar, nos fazer mover) a partir de suas interlocuções com “verdades e certeza”, copiadas e reproduzidas ao longo de nossa história quer vivida cotidianamente ou aprendida academicamente.

Além disso, alguns de seus ensaios colocam em cheque alguns conceitos (ou diria pré-conceitos) sobre os estudos direcionados à nossa cultura popular. Entretanto, como bom professor, Moreira não nos deixa a deriva; pagina por página, nos orienta a compreender suas palavras ditas (e impressas) nas entrelinhas de suas ideias. Estas páginas refletem o estudioso, o pesquisador e o pensador das culturas tradicionais com o seu melhor: um pensamento crítico, dialógico, profundo, polifônico, contemporâneo, instigante. Certamente, nenhum leitor, sairá imune às suas ideias, reflexões e propostas.

“A sombra do andarilho” passa a ser um marco nos estudos e pesquisas das culturas tradicionais, sobretudo no

entendimento de seu processo dialógico, contemporâneo e dinâmico estabelecido (e às vezes também negado) na (e pela) nossa contemporaneidade. Eu diria que os estudos-digo aprendizagens – sobre (ou com) a cultura popular serão feitos com um outro olhar : antes e depois do livro “ a sombra do andarilho” de Jose Moreira de Souza.

A leitura destes ensaio, especialmente pelas novas gerações de estudantes, professores e pesquisadores, contribuirá para o profundo entendimento do papel, e das relações de troca, que os saberes populares nos desafiam a compreender e aprender, quando nos colocamos diante deles. Digo futuras gerações por acreditar que ao nascerem num mundo conectado às informações, numa época repleta de questionamentos e gritando por mudanças; andar na contramão da modernidade pode vir a ser uma possibilidade diferente de entender o que nos cerca, o que nos move...

Enfim , o mestre Moreira , coloca na roda dos saberes, temas que as tradições sempre dialogaram “ao pé do ouvido”(embora muitas vezes tenha sido mal interpretada por outros por levar o estigma de tradicional...não moderno, portanto descartável.

Esses outros acham ter ouvido o que os saberes populares ensinavam. No entanto, não o entenderam. Cito o exemplo de quando passamos pela av. Afonso Pena e vemos vários jovens com deficiência auditiva, conversando através da linguagem de sinais...quem não sabe libras não entende o diálogo...apenas supõe!...

Na conversa no pé de ouvido, Moreira nos diz sobre o conceito de tradição e a pragamática do saber popular; a diversidade cultural e desenvolvimento sustentável; a unidade e a diversidade das festas em Minas Gerais e os reis negros. E vai além, na sua interlocução sobre os estudos dos saberes, fazeres e querer populares; nos apresenta, ainda, uma detalhada e profunda análise sobre a metodologia da pesquisa tendo como referência as orientações ocorridas no segundo curso de pós graduação oferecido pela CMFL, em 2004.

Por fim Moreira, encerra o seu livro com uma brilhante e não menos inquietante análise sobre “o ensino do folclore e da educação popular”.

Aproveito para chamar a atenção para a “rede de doações” defendida pelo autor, nestes encontros promovidos pela CMFL. A doação se estabelece na troca: doa quem tem e como pode, mas quem recebe tem que querer ganhar. A paixão com que se debruça a entender a riqueza das tradições, faz com que se coloque por inteiro e generosamente se doa, ao explicitar suas ideias, vivências e aprendizagens construídas ao longo de sua vida de pensador e estudioso. Saberes..que certamente o mercado não tem interesse em publicar e divulgar, pois está na contramão do consumo...o que interessa ao estudo da tradição do ponto de vista do folclore é o interior das relações concretas entre pessoas no seu cotidiano.

Enfim, a leitura do livro “ a sombra do andarilho- o folclore e suas charadas” nos levará a caminhos, por muitos talvez, ainda não trilhados, mas certamente , por todos que o fizerem, sem volta! Só me resta dizer: quem aceita este desafio?

Ao meu mestre, obrigada!!!

B.H. 20/08/12

Meu caro presidente Moreira

Recebi o CARRANCA.

Ótimo! Cumprindo o papel de fermento da comunicação de estudiosos do Folclore.

Vibrei com as cartas dos leitores. A turma está de antena ligada. A CMFL está viva!

A programação da SEMANA está supimpa. Seminários com altas discussões de assuntos atuais sobre a cultura popular tradicional e suas relações com os diversos seguimentos populares.

O importante é que cada um dos membros efetivos está dando sua contribuição. É o trabalho coletivo, de todos.

Estarei presente a todas as atividades da SEMANA.

Você quer matar o velho capiau das barrancas do São Francisco?

Primeiro, dedicando-me seu excelente trabalho ASOMBRA DO ANDARILHO – o folclore e suas charadas. Agora, dia 23, o seminário em homenagem aos 80 anos por mim bem vividos. O coração aguentará?

Estas homenagens ofereço a todos os congadeiros, a todos os foliões de santos reis, aos dançadores de São Gonçalo, aos pescadores do São Francisco e aos artesãos populares. Muito especialmente em memória dos mestres Aires e Saul que, lá de cima estão anchos e batem palmas e dão vivas ao Moreira, Presidente da CMFL.

Infelizmente não dará para lançar o meu livro RIO ABAIXO – Vaqueiros e Mulheres de Muque. Os originais ainda estão em estudo na editora da Mazza. Creio que sairá ainda neste semestre.

Não havendo lançamento, falarei pouco sobre o livro e Mariângela, minha sobrinha, apresentará aquele vídeo mostrado em Pirapora na comemoração de meus 80 anos. Aproveito e levarei um punhado de barus, beijus e batida/rapadura para juntarem-se aos quitutes mineiros do SESC. Barranqueiramente.

Folcloricamente.

Mineiramente.

Oitentãoamente,

Domingos Diniz

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 04-12– ESPECIAL - 2012.

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Domingos Diniz

Secretária: Elieth Amélia de Sousa

Tesoureiro: Luiz Fernando Vieira Trópia

Conselho Fiscal da CMFL

Águeda Moraes de Carvalhaes e Kallás

Antônio de Paiva Moura

Frei Francisco van der Poel

IMPRESSO

REMETENTE

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

A Comissão Mineira de Folclore precisa de uma sede. Ofereça sua pataca. O resto, Deus proverá. Adquira as publicações da Comissão Mineira de Folclore.

Anotem o número da conta da Comissão Mineira de Folclore

Banco Itaú - agência 3038

Conta: 01006-6

